



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CAMPUS DE CORNÉLIO PROCÓPIO
Programa de Mestrado Profissional em Letras

ROGÉRIO APARECIDO DUARTE

**A CONSTRUÇÃO DE VERBETES COM BASE EM
LETRA DE MÚSICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Cornélio Procópio
2016

ROGÉRIO APARECIDO DUARTE

**A CONSTRUÇÃO DE VERBETES COM BASE EM
LETRA DE MÚSICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus de Cornélio Procópio, para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva.

**Cornélio Procópio
2016**

ROGÉRIO APARECIDO DUARTE

**A CONSTRUÇÃO DE VERBETES COM BASE EM LETRA DE MÚSICA: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profa. Dra. Diná Tereza de Brito
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Cornélio Procópio, 9 de novembro de 2016.

À Maria Efigênia e Bernardo

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Fernando Moreno da Silva, responsável para que esta pesquisa acontecesse, minha admiração.

Agradeço, imensamente, às professoras que compuseram a banca de qualificação dessa pesquisa, professora Dra. Diná Tereza Brito e professora Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pelas contribuições para a finalização desse estudo. Agradeço ainda, ao Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva (UEM) por ter composto a banca de defesa e por ter contribuído muito pelos apontamentos.

À SEED pelo afastamento para os estudos e à CAPES pela bolsa auxílio, meu muito obrigado.

À minha mãe, Maria Efigênia, que sempre esteve ao meu lado, incentivando e apoiando durante todo o processo de realização desta pesquisa.

À minha amiga de turma, professora Fátima, pelo companheirismo, meu respeito e meu carinho.

A todo o corpo docente do Profletras, especialmente á professora Dra. Marilúcia, grande incentivadora durante essa jornada de estudos, meu muito obrigado.

Agradeço ainda, a todos os alunos que participaram desta pesquisa, pela contribuição e comprometimento.

E a Deus, acima de tudo!

*O dicionário é o pai dos inteligentes: os burros dispensam-no.
(Mário da Silva Brito)*

DUARTE, Rogério Aparecido, **A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica**. 2016. 107 fls. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Norte do Paraná – UENP/PROFLETRAS. Cornélio Procópio. 2016

RESUMO Esta pesquisa tem como objetivo principal ampliar e desenvolver a competência lexical dos alunos por meio do uso do dicionário em sala de aula, para isso levanta reflexões a respeito do ensino do léxico em ambiente escolar, haja vista que, segundo especialistas os estudos nesta área vem se desenvolvendo cada vez mais, contudo o dicionário continua sendo subutilizado no ensino/aprendizagem da língua materna. Em face disso, este estudo defende que o léxico receba a devida atenção quanto à sua abordagem em ambiente escolar, para que não venha sendo visto apenas em suas dimensões puramente linguísticas, mas também como componente essencial para a construção de sentidos nos diversos contextos discursivos por onde circula o falante. Assim sendo, e tendo em vista que o léxico faz parte de um dos componentes mais importantes da língua portuguesa, faz-se necessário lançar um novo olhar sobre as possibilidades de equipará-lo, em grau de importância no ensino da língua, à gramática, à morfologia e à sintaxe. As bases teóricas desta pesquisa assentam-se sobre os estudos relacionados à lexicologia, lexicografia e à lexicografia pedagógica. Propôs-se como intervenção a construção de verbetes com base em letra de música a fim de levar o aluno a usar e manejar o dicionário de maneira eficiente, tomando-o como objeto de estudo para que possa desenvolver suas competências comunicativas, incluindo-se aí a leitura, a escrita, a oralidade ampliando assim, também sua competência lexical. Dessa forma, foram aplicados preliminarmente questionários para a obtenção de informações a respeito das perspectivas de conhecimento e uso de dicionários por parte do público-alvo. A análise desses dados é que de certa forma, orientou a intervenção dessa pesquisa, por isso se optou por instrumentalizar os alunos por meio de uma sequência de atividades referentes à estrutura e ao manejo correto dos dicionários. Isso feito partiu-se para construção de verbetes com base em letra de música. Comprovou-se assim, que ao receberem instruções sobre a estrutura e de como usar o dicionário, os alunos na sua grande maioria obtiveram sucesso no manejo e na busca por informações pertinentes à produção dos verbetes, por meio da análise dos dados obtidos das sequências de atividades comprovou-se que o trabalho com o léxico em sala de aula pode trazer novas perspectivas para o ensino da língua materna, mas para isso, é preciso ampliar as abordagens que tratam do ensino e do uso do dicionário em sala de aula e valorizar sua importância como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento lexical dos alunos, tendo em vista que, esse tipo de obra lexicográfica pode servir-lhes de apoio aos estudos, além de transmitir-lhes grandes lições sobre a língua.

Palavras-chave: Léxico. Dicionário. Lexicografia. Lexicografia Pedagógica. Verbetes.

DUARTE, Rogério Aparecido, **The construction of entries based on lyric: an educational proposal**. 2016. 107 fls. Dissertation (Professional Master of Arts) - University of North Paraná - UENP / PROFLETRAS. Cornélio Procópio. 2016

ABSTRACT: This research has as main focus to expand and develop the lexical competence of students through the use of the dictionary in the classroom, and raises reflections about the teaching of lexicon in the school environment considering that, according to experts the studies in this area are developing themselves more and more, however the dictionary remains underused in the teaching / learning of the mother tongue. On the face of it, this study advocates a due attention to the lexicon as to its school environment approach, for not being seen only in their purely linguistic dimensions, but also as an essential component for the construction of meaning in different discursive contexts, wherever the speaker circulates. Therefore, given that the lexicon is part of one of the most important components of the Portuguese language, it is necessary to take a new look into the possibilities of match it in level of importance in language teaching, grammar, the morphology, and syntax. The theoretical basis of this research is related to studies involving lexicology, lexicography and pedagogical lexicography. It was proposed as an intervention to create entries based on lyrics in order to bring the student to use and handle efficiently dictionary, taking it as an object of study so they can develop their communication skills, including reading, writing, orality, thus also their lexical competence. Therefore, there were preliminarily applied questionnaires to obtain information about the prospects of knowledge and use of dictionaries by the audience. The analysis of these data is that somehow guided the intervention of this research, so it was decided to prepare students through a sequence of activities relating to the structure and proper management of dictionaries. After done the previous, the entries were created based on song lyrics. It was shown that when they receive instructions about the structure and how to use the dictionary, the students mostly succeeded in managing and searching for information related to the production of entries. By analyzing the data obtained from sequences activities, it was proved that the work with the lexicon in the classroom can bring new perspectives to the teaching of mother tongue, but it is necessary to expand the approaches that deal with the teaching and dictionary use in the classroom, and enhance their importance as a pedagogical tool for lexical development of students, considering that this kind of lexicographical work can serve them to support studies, and give them great lessons about language.

Keywords: Lexicon. Dictionary. Lexicography. Pedagogical lexicography. Entry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Verbetes de um dicionário tipo um.....	28
Figura 2: Verbetes de um dicionário tipo dois.....	29
Figura 3: Verbetes de um dicionário tipo três.....	31
Figura 4: Verbetes de um dicionário tipo quatro.....	32
Gráfico 1: Você já usou dicionário?.....	46
Gráfico 2: Quais tipos de dicionário você conhece?.....	47
Gráfico 3: Você possui dicionário em casa?.....	47
Gráfico 4: Você tem o hábito de usar dicionário?.....	48
Gráfico 5: Usam para:.....	48
Gráfico 6: Responderam não porque:.....	49
Gráfico 7: Os professores já recomendaram o uso do dicionário em sala de aula?.....	49
Gráfico 8: Já teve alguma explicação de como usar o dicionário em sala de aula?.....	50
Gráfico 9: Se sim, quais?.....	50
Gráfico 10: Usa dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?.....	51
Gráfico 11: Quais as críticas em relação ao dicionário?.....	51
Gráfico 12: O que gostaria de ver melhorado no dicionário?.....	52
Gráfico 13: Você já usou um dicionário.....	53
Gráfico 14: Quais tipos de dicionário você conhece?.....	53
Gráfico 15: Você possui dicionário em casa?	54
Gráfico 16: Você tem o hábito de consultar dicionário?.....	54
Gráfico 17: Se sim, para que finalidade?.....	55
Gráfico 18: Seus professores já recomendaram o uso de dicionário em sala de aula?.....	55
Gráfico 19: Já teve alguma explicação em sala de aula de como usar o dicionário?.....	56
Gráfico 20: Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?.....	56
Gráfico 21: Quais suas críticas em relação aos dicionários? Cite problemas e dificuldades.....	57
Gráfico 22: O que gostaria de ver melhorado no dicionário?.....	57
Figura 5: Charge.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipos de dicionários.....	27
Tabela 2: Informações básicas para o uso do dicionário.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O ESTUDO DO LÉXICO.....	19
1.1 O Léxico.....	19
1.2 Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.....	22
1.3 Lexicografia Pedagógica.....	25
1.3.1 Obras Lexicográficas.....	32
1.3.2 O Dicionário.....	33
1.3.3 O Verbetes.....	38
2 METODOLOGIA.....	42
2.1 Análise dos Dados e Confirmação da Hipótese.....	45
2.1.1 Análise dos dados do questionário dos alunos do 8º ano do Colégio Estadual Luiz Setti	45
2.1.2 Análise dos dados do questionário dos alunos do 9º ano do Colégio Rui Barbosa.....	52
3 PROPOSTA PARA ENFRENTAR O PROBLEMA.....	59
3.1 Descrição da Sequência de Atividades para Proficiência de Uso do Dicionário.....	59
3.1.1 Procedimentos metodológicos para proficiência de uso do dicionário.....	60
3.1.2 Exercícios Propostos para o trabalho com a proficiência de uso do Dicionário.....	63
3.1.3 A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica.....	70
3.1.4 Procedimentos Metodológicos: Produção de verbetes.....	71
3.1.5 Glossário construído pelos alunos do 8º e 9º ano.....	72
3.1.5.1 Glossário construído pelos alunos do 8º ano.....	73
3.1.5.2 Glossário construído pelos alunos do 9º ano.....	77
3.1.6 Análise e discussão dos resultados: aula de proficiência de uso do dicionário e aula para a construção do glossário.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS.....	89

ANEXO A - Questionário Aplicado aos Alunos.....	90
ANEXO B - Termo Assinado pelos Diretores.....	92
ANEXO C - Termo de Assentimento.....	93
ANEXO D - Termo de Consentimento de Participação De Crianças/Adolescentes.....	95
ANEXO E - Aula de Aplicação: Capacitação Para o Uso do Dicionário em Sala de Aula Teoria.....	97
ANEXO F - O Rappa – Biografia. Marcelo Yuca Biografia.....	102

INTRODUÇÃO

Considerando a importância da língua e da linguagem na aquisição e transmissão de conhecimentos, o estudo do léxico se torna um poderoso instrumento para que o aluno desenvolva um domínio progressivo da leitura, da escrita e da oralidade, o que pode potencializar sua autonomia nos estudos e em suas interações sociais. Por isso, é importante o emprego adequado do vocabulário para produzir sentidos, descrever com clareza e confiança suas colocações nos diferentes contextos comunicativos. Nesse sentido, o uso do dicionário é uma ferramenta pedagógica de grande valor para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, pois possui recursos importantes para reforçar os conteúdos e as propostas de abordagem do ensino da língua em sala de aula.

Partindo dessa hipótese, é relevante ressaltar que aprender o léxico não significa aprender listas de palavras nem substituir sinônimos em frases isoladas, e sim buscar alternativas para se trabalhar com a palavra respeitando os limites do contexto de interação da situação comunicativa da qual está inserida, desconstruindo assim a visão tradicional que se tem focado nas proposições de análise do vocabulário de um texto em ambiente escolar. Tal visão propõe atividades que se encerram em significados cristalizados e na busca de palavras desconhecidas e descontextualizadas da situação comunicativa. Por isso, tem-se por objetivo desenvolver a competência lexical dos alunos em uma abordagem discursiva em que o léxico tenha também “[...] uma função estruturante, ou seja, concorre para a ‘armação’ do texto.” (ANTUNES, 2012, p.62).

Por esse viés, escolheram-se como base teórica para a elaboração de um trabalho pedagógico os princípios da lexicologia, da lexicografia e da lexicografia pedagógica, as quais têm apontado que os trabalhos com obras lexicográficas assumem papel importante no enriquecimento lexical dos alunos e apresentam novos caminhos para o desenvolvimento da leitura, oralidade e escrita. Com base nesses estudos, buscou-se verificar alguns aspectos importantes para o ensino e aprendizagem do léxico com o objetivo de contribuir para melhorar o relativo domínio dos alunos quanto ao uso da língua e da linguagem em diversas situações de comunicação. Nesse aspecto, a obra dicionarística assume um relevante papel, como salienta Krieger (2012, p. 47), dizendo que a diversidade de informações sobre

a língua ali encontradas, que obviamente devem ser confiáveis, transformam as obras dicionarísticas num campo bastante fértil para o desenvolvimento e aquisição lexical e que os ensinamentos, quando bem orientados, trazem muitos benefícios para o desenvolvimento das habilidades de leitura, análise e produção de texto.

A proposta desta pesquisa nasce da preocupação com um trabalho capaz de contribuir para a melhora do desempenho comunicativo dos alunos no que diz respeito, essencialmente, à ampliação de seu universo lexical. Para tanto, é necessário que o educando, por meio da construção de verbetes, possa aprender fazer o uso adequado do dicionário e que possa aumentar sua segurança no manejo e na busca por informações, explorando as potencialidades de estudo desse rico material de consulta, utilizando-o como ferramenta de aprendizagem e de desenvolvimento enriquecedor de seu vocabulário.

Conforme se verifica na literatura lexicográfica, as discussões sobre os dicionários e o uso que se tem feito desse material em sala de aula, mais especificamente sobre o verbete, é capaz de contribuir para o desenvolvimento das habilidades acima descritas. Entretanto, evidencia-se que o uso do dicionário tem se restringido, basicamente, à procura do significado das palavras e à verificação ortográfica, o que tem limitado as possibilidades de se explorar o verdadeiro potencial pedagógico dessa obra, o qual pode auxiliar na compreensão da funcionalidade, história e evolução da língua. Por tudo isso, entende-se ser de fundamental importância um estudo que considere esse contexto e que proponha alternativas de trabalho pedagógico para o desenvolvimento do domínio comunicativo dos alunos e que, por meio do contato com o dicionário, possam percebê-lo como aliado em seus estudos, e que o hábito de utilizá-lo seja visto como essencial para o aprimoramento de seus conhecimentos e sua inserção no chamado mundo “letrado”.

Nessa perspectiva, partindo do pressuposto de que uma palavra pode apresentar mais de um sentido, e o que determina seu contorno semântico é o contexto de interação, utilizá-la no momento adequado requer uma competência que exige certo domínio desse jogo de sentido multifacetado que possuem os itens lexicais, pretende-se desenvolver em sala de aula a construção de um glossário com base em letra de música, para que o aluno, a partir do contexto sugerido pela canção, possa por meio do dicionário identificar a acepção que dê conta, ou mais se aproxime dos sentidos propostos pela letra de música.

Os dicionários selecionados para a realização da atividade supracitada fazem parte do acervo do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) enviados às escolas públicas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) em 2012. Dessa forma, a fonte de consulta e investigação que serve de apoio aos alunos constitui-se de diversos tipos de dicionários, a saber: Tipo 1: Infantil (Alunos em fase de alfabetização); Tipo 2: (Alunos do 2º ao quinto ano do ensino fundamental); Tipo 3: (Alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental); Tipo 4: (Alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio e ensino profissionalizante).

Apesar de utilizar apenas os dicionários dos Tipos 3 e 4 para a realização do glossário, optou-se por esse acervo contendo os quatro tipos de dicionários para que o público-alvo pudesse se familiarizar com a ideia de que os dicionários não são todos iguais e também pelo fato de estar disponível na biblioteca da escola onde se realizou a pesquisa de campo. A letra da música foi escolhida como *corpus* de análise por ser uma forma interessante de atrair o olhar dos jovens para os dicionários de maneira descontraída. Quanto à música selecionada para a análise, “Minha Alma” do grupo O Rappa, ela está mais próxima da realidade do cotidiano dos adolescentes envolvidos na pesquisa.

Este trabalho pretende, portanto, contribuir para que os alunos desenvolvam a competência lexical; para isso, embasa-se nas propostas teórico-metodológicas de Welker (2004), Rangel e Bagno (2006), Krieger (2012), Antunes (2012), Borba (2003), Bolzan e Durão (2011), Durão (2010), Brasil (2012), dentre outras abordagens pertinentes que estejam relacionadas ao ensino e à aprendizagem do léxico em sala de aula.

Nesse caminho, o primeiro capítulo aborda questões relacionadas ao léxico e suas ciências, principalmente a respeito da lexicografia e da lexicografia pedagógica e sua estreita relação com os tipos de dicionários e seus respectivos verbetes, no segundo capítulo descreve-se os procedimentos metodológicos desenvolvidos na pesquisa e, por fim, o terceiro e último capítulo ocupa-se de apresentar a proposta de intervenção para a solução do problema detectado.

E, assim sendo, por conta da importância do ensino do léxico e do uso do dicionário como ferramenta pedagógica, propõe-se lançar um novo olhar sobre as possibilidades do ensino do léxico, reconhecendo-se, assim, seu valor para o ensino da língua materna, visto que, como tem demonstrado a maioria dos livros didáticos,

a atenção ao léxico tem um caráter breve e insuficiente, reduzido à análise de palavras isoladas e descontextualizadas. Em relação a isso, Antunes aponta:

Por muitas razões históricas, sobejamente exploradas em diversos estudos, a gramática assumiu nas atividades de ensino um lugar hegemônico, ou melhor, dizendo, um lugar de quase monopólio, deixando fora de análise os outros componentes que tornam possível a atividade de comunicação verbal. Consequentemente, o estudo do léxico tem constituído um interesse secundário nas atividades de ensino, realizado de forma irrelevante e pouco significativa do ponto de vista dos usos sociodiscursivos da língua (ANTUNES, 2012, p.13).

Dessa forma, volta-se o olhar para uma abordagem do ensino do léxico, destacando os recursos de textualização presentes nas unidades lexicais para demonstrar a sua importância na construção dos sentidos, quando visto além de suas dimensões puramente linguísticas, mas sim “[...] como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão de sentidos e intenções, os nexos de coesão e as pistas de coerência.” (ANTUNES, 2012, p. 11).

Nesse cenário que os estudos lexicográficos vêm cada vez mais discutindo questões que tratam da relação entre os conhecimentos teóricos sobre o léxico e as práticas pedagógicas envolvidas no seu ensino, apontando caminhos para que se faça o bom uso do dicionário nas aulas de língua portuguesa, como Krieger sugere:

Usá-lo, saber usá-lo, é uma das condições necessárias para usufruir de toda a potencialidade de um idioma, ao se expressar num texto ou ao compreender o que um texto expressa. Daí seu valor como instrumento no ensino e no aprendizado da língua materna, não só como um sistema fechado em suas regras, mas como um manancial aberto à criação expressiva de novos signos e formas que se dá em todos os níveis, da literatura às canções, à imprensa, ao uso popular, às novas ciências e tecnologias, sempre se renovando, sem limite de tempo ou abrangência (KRIEGER, 2012, p. 9).

Quanto maior o domínio lexical do falante, maior a possibilidade de desenvolver suas habilidades comunicativa, leitora e escritora. Assim sendo, o desenvolvimento de atividades com vocabulário mostra-se promissora para o desenvolvimento de uma competência comunicativa significativa. Antunes (2012, p.162) complementa que trabalhar com o acervo lexical da língua ainda pode desenvolver nos alunos as competências que lhes serão úteis no exercício diário de sua vida social e de sua atuação no mercado de trabalho, além de levá-los a compreender os sentidos de se poder dispor da linguagem, em sua multifuncionalidade interativa.

Por tudo isso, esta pesquisa opta em trabalhar com a construção de verbetes baseados em letra de música numa proposta pedagógica, pois, segundo Dionísio (2010, p.148), “[...] a escrita de verbetes pode se configurar como uma estratégia de compreensão de leitura, uma vez que caberá ao aluno/autor a transposição do conteúdo de outro texto base para o gênero verbete” e ainda pode possibilitar ao aluno a percepção das relações de sentido criadas, tanto explícita como implicitamente pelas palavras, quando inseridas numa situação comunicativa específica, além de ampliar seu repertório lexical de forma significativa.

Constituem-se universo do presente trabalho duas escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental do município de Jacarezinho, estado do Paraná. O público-alvo dessa pesquisa são alunos do 8º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Luiz Setti e alunos do 9º ano do Colégio Estadual Rui Barbosa, todos com idade entre 13 e 17 anos. As condições da pesquisa foram negociadas e amplamente discutidas com os diretores das escolas e com alunos que dela participaram, pois “[...] a pesquisa tem que ser regida por rígidos princípios de ética, que preservem os colaboradores que dela se dispuserem a participar.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 57). Sendo assim, os devidos termos de assentimento e consentimento foram assinados por eles e por seus pais para a realização da pesquisa, assim como foram assinados os termos de autorização pelos diretores de ambos os colégios.

Depois disso, foram aplicados questionários aos alunos dessas turmas para uma coleta de dados sobre a frequência de uso do dicionário como objeto de estudo e através destes dados gerados pelas respostas dos alunos surge a proposta de intervenção, que tem como objetivo central instrumentalizar os alunos para o uso competente do dicionário para que possam utilizá-lo com segurança, explorando assim, o potencial discursivo do verbete, para que dessa forma possam ser capazes de ajustar esse discurso à construção do glossário. Numa abordagem tanto quantitativa como qualitativa, a presente pesquisa transita por caminhos diversos, buscando possibilidades de se observarem os fenômenos que perpassam a relação entre os alunos e seu modo de interagir socialmente por meio da linguagem.

Nessa perspectiva, pode-se compreender melhor um fenômeno dentro da situação de ocorrência do qual faz parte, podendo assim ser analisado integralmente. Nesse sentido, optou-se pela pesquisa de campo onde foi apresentado aos alunos como estão estruturados os dicionários do PNLD enviados

pelo MEC em 2012, por meio de uma sequência de atividade que levou em conta: as tipologias, o destinatário, o tipo de linguagem, a macroestrutura, a microestrutura etc., a fim de instrumentalizá-los tanto no manejo quanto na possível competência de uso do suporte que comporta o gênero verbete. Isso feito, partiu-se para a contextualização e preparo para a análise da letra de música; alguns pontos importantes foram ajustados: as instruções foram explicitadas e os verbetes foram construídos. As sequências de atividades para a proficiência de uso do dicionário e para a construção do glossário estão explicitadas mais adiante no capítulo da intervenção.

Conforme visto, um dos principais eixos da formação escolar em língua portuguesa é a leitura, a oralidade e a escrita inseridas na prática social do indivíduo. De acordo as Diretrizes Curriculares da Educação básica de Língua Portuguesa

No processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo. A ação pedagógica referente à linguagem, portanto, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno a leitura e a produção oral e escrita, bem como a reflexão e o uso da linguagem em diferentes situações. Desse modo, sugere-se um trabalho pedagógico que priorize as práticas sociais (PARANÁ, 2008, p. 55).

Nesse contexto, tem-se como pressuposto que o uso do dicionário como ferramenta pedagógica, apesar de pouco ou indevidamente explorado no ambiente escolar, traz possibilidades importantes para o ensino e desenvolvimento da linguagem. Ressalva-se aqui que o aprendizado da leitura e da escrita está envolvido por processos complexos que se entrelaçam, e que o ensino do léxico é apenas umas das possibilidades para reforçar e auxiliar nesse aprendizado. Portanto, deve sempre estar articulado a estes outros processos para dar conta do aprendizado e desenvolvimento da leitura e da escrita.

Sendo assim, o ensino do léxico, ao ultrapassar os limites da interpretação das palavras, inserindo-as num contexto de multissignificação nas interações sociais dos indivíduos, mostra-se capaz de apontar novos caminhos para o ensino da língua materna.

Considerando o foco deste estudo, alguns questionamentos motivaram e, de certa maneira, orientaram esta pesquisa: por que os alunos não utilizam o dicionário

a seu favor para ler e interagir com a multiplicidade de textos que circulam na esfera escolar? Até que ponto o vocabulário limitado dos alunos interfere negativamente no processo comunicativo oral e escrito desses textos? Qual é a importância da competência lexical quando se fala em compreensão, interpretação e produção de textos?

Cabe ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de estabelecer respostas inquestionáveis a essas questões, ou mesmo soluções para os problemas que envolvam o ensino de Língua portuguesa no que se refere à relação dos alunos com o estudo do vocabulário, mas sim abordar questões relacionadas ao uso do dicionário escolar e ao ensino/aprendizagem do léxico, e dessa forma, refletir, analisar e experimentar novas práticas de escrita e de leituras, buscando contribuir com as práticas de estudo e ampliação real do repertório lexical do público-alvo em suas interações verbais, conforme Antunes complementa:

[...] toda a nossa interação verbal – seja oral, seja escrita – se faz em textos, que, necessariamente, inevitavelmente, mobilizam o repertório lexical da língua e toda nossa capacidade de escolher as palavras que nos permitam dizer o que queremos dizer (ANTUNES, 2012, p. 91).

De acordo com a autora, para ter o que dizer é primordial possuir uma gama significativa de conhecimento do léxico, pois a interação comunicativa se dá por meio de textos e daí a grande importância de se ampliar o acervo vocabular dos alunos para que assim possam se tornar autoconfiantes em suas interações discursivas e, dessa forma, ter sempre algo a dizer a seu favor e a favor da construção de um mundo melhor.

1 O ESTUDO DO LÉXICO

Nesse capítulo, abordam-se aspectos importantes para a compreensão do papel do léxico no desenvolvimento e evolução da linguagem, e de sua importância para o ensino e aprendizagem da língua materna, tendo em vista que, juntamente com outros componentes da língua, forma um todo articulado que em muito contribui para a assimilação dos conteúdos a serem cumpridos para um bom entendimento da funcionalidade e aplicação da língua portuguesa. Dessa forma, são estabelecidas as bases conceituais das chamadas ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Contudo, o destaque maior recai sobre a chamada lexicografia pedagógica ou didática, um ramo ou abordagem dentro da lexicografia cujo principal fundamento é adequar as obras lexicográficas, principalmente os dicionários, aos níveis de ensino. Por isso, são tecidas também observações importantes sobre o dicionário e o verbete.

1.1 O Léxico

O léxico de uma língua, de acordo com uma definição mais ampla, pode ser visto como um conjunto aberto e interminável composto de todas as unidades lexicais, ou seja, as palavras. Ele representa um dos grandes componentes da língua, por meio do qual cotidianamente se constroem as ações de linguagem. Nesta pesquisa, busca-se abordar a importância do léxico e sua estreita relação com o dicionário de língua.

Borba (2003, p.16) toma o léxico como o conjunto dos itens vocabulares da língua, ou seja, como a soma das formas livres que circulam nos discursos da comunidade. Nessa interação discursiva entre as comunidades que o léxico se concretiza, instabiliza-se e se amplia, o que o torna dinâmico e mutável, como aponta Marcuschi (2004, p.270), quando diz que o léxico “[...] é o nível da realização linguística tida como mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”. Devido à grande dificuldade de poder se delimitar as fronteiras do léxico e por apresentar características multifacetadas e dinâmicas, Antunes sinaliza que:

O léxico (...) é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro (ANTUNES, 2012, p. 29)

Para Rangel e Bagno (2006, p.15), “na qualidade de componente de uma língua o léxico pode ser definido, inicialmente, como o conjunto de todos os vocábulos de que essa língua dispõe.” Nessa perspectiva, remete-se à reconstrução teórica do mundo das palavras, concretas e limitadas, visto que, ao usar a língua em interações cotidianas, o falante não utiliza todas as palavras do idioma, e sim do vocabulário que é ajustado pelo falante às diversas situações comunicativas de cada contexto discursivo.

Cabe aqui fazer uma pequena distinção entre os termos palavra e vocábulo. Segundo Borba (2003, p.19), “[...] o termo palavra se refere ao sistema, à língua em si como entidade abstrata e supra individual, opondo-se, assim, a vocábulo, que se aplica à fala, ao discurso”. Aplicando-se à fala e ao discurso, o vocabulário empregado pelo usuário esbarra na instabilidade inerente ao léxico, porque:

Nesse vocabulário, há termos de uso comum, que todos, em princípio dominam. Outros termos são usados e/ou conhecidos apenas em determinadas circunstâncias, ou predominantemente por um tipo particular de pessoa (crianças, idosos, homens, mulheres), em determinadas camadas sociais ou em certas regiões. Assim, nenhum falante é capaz de empregar ou mesmo reconhecer e compreender todas as palavras de sua língua, nem dominar todos os recursos de comunicação e expressão de que elas dispõem (RANGEL; BAGNO, 2006, p.15-16).

Nesse percurso sócio interativo, em que cada falante lança mão de seu vocabulário particular em contextos discursivos pontuais, é que o léxico se conecta, se expande e se transforma, como uma via de mão dupla entre os indivíduos, ele se reinventa e se recria, cada vez que se faz necessário para promover a efetiva interação comunicativa por meio da linguagem verbal. E pode-se reforçar que

Dessa forma, ganha sentido afirmar que o léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que o cercam, o sentido de tudo. Por isso é que o léxico expressa, magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidade como indivíduo e como membro pertencente a um grupo (ANTUNES, 2007, p. 42-43).

Nessa perspectiva, pode-se perceber que as palavras extrapolam para além de sua natureza linguística quando vistas como elemento cultural, carregada de

valor e imersa na memória social da língua de um povo, o que lhes confere identidade. Antunes (2012, p. 47) sublinha que é “[...] a vinculação do léxico da língua às experiências socioculturais que caracterizam cada um dos grupos humanos”. Para Krieger (2014, p. 325), o léxico “[...] nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias.” Sendo assim, é interessante observar que o léxico é

[...] o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (BIDERMAN, 2001a, p. 2).

Segundo Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9), o “[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes dessa língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Deve-se lembrar porém

[...] que o léxico, tanto como abstração do falante leigo quanto como (re) construção do linguista ou lexicógrafo, é sempre um “*retrato*” possível da realidade da língua. (...) será retratado de formas muito diversas num dicionário, em função da concepção de língua e de léxico que o dicionarista adota, de seu interesse maior ou menor pela língua atual ou pela “de todos os tempos”, por sua decisão de privilegiar ou não a norma culta, de favorecer ou não certa(s) variante(s) regional (is), de incluir ou não gírias, neologismos e empréstimos recentes etc (RANGEL; BAGNO, 2006, p19).

Por esse viés, cabe enfatizar que o ensino e a aprendizagem do léxico estão intimamente relacionados às obras lexicográficas, e que o bom dicionário comporta um lugar de múltiplas lições sobre a língua; no entanto, como assevera Krieger (2014, p. 326) “[...] o registro lexicográfico, embora possa ser abrangente, dificilmente espelha o léxico no seu todo. O dinamismo lexical dificulta sua consignação plena na lexicografia.” Mas Krieger (2012, p. 20) salienta que as descrições linguísticas e semânticas presentes nos dicionários são de grande utilidade no ensino da língua materna, pois toda a riqueza de informação que se relaciona à estrutura, ao sentido e ao funcionamento contextualizado das palavras de uma língua faz do dicionário uma ferramenta de grande valor pedagógico.

As ciências que se ocupam do estudo do léxico compõem um vasto campo de investigação na área da linguagem; ao procurar descrever o léxico geral da língua, a lexicografia, segundo Biderman (2001b, p. 162) “[...] esbarra em todas as outras funções da linguagem que cobre o contexto da comunicação dialógica, abrangendo

todo o universo referencial, passível de cognição pelo sujeito humano”. Depreende-se daí que o falante estará sempre aprendendo novos elementos léxicos, pois a riqueza vocabular de uma língua está sempre em expansão, num ciclo contínuo e ininterrupto, revelando o caráter inesgotável do léxico nas etapas ascendentes de aquisição do vocabulário.

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico, se expande se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico (Biderman, 2001 *Apud* KRIEGER, 2014a, p. 254).

Por tudo isso, é relevante ressaltar a importância que o léxico assume no ensino e na aprendizagem da língua materna; o interesse por essa área tem sido tema crescente no âmbito da Lexicologia, da Lexicografia e da Lexicografia Pedagógica, trazendo o dicionário para o centro das discussões para demonstrar seu potencial pedagógico tanto para competência leitora como para a competência escritora dos alunos, além de poder contribuir significativamente para a aquisição vocabular desses sujeitos para que possam também desenvolver e ampliar sua competência lexical.

Para se ocupar desse complexo universo do léxico, a linguística se subdivide nas chamadas “ciências do léxico”: lexicologia, lexicografia e terminologia¹.

1.2 Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Nascida no âmbito da linguística, a Lexicologia tem por objetivo o estudo científico do acervo de palavras de um determinado idioma: situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das

¹ As ciências do léxico podem também ser dividida da seguinte maneira: Lexicologia e Lexicografia; Terminologia e Terminografia; Fraseologia e Fraseografia.

situações comunicativas, ou seja, da pragmática (GUERRA; ANDRADE, 2012, p. 230).

Para isso, ela procura investigar e determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo lexical de um determinado idioma, bem como o seu uso na comunidade de seus falantes. Por meio da lexicologia é possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística.

Enquanto a Lexicologia se preocupa em estudar e descrever o léxico de uma língua, a lexicografia tem como finalidade o estudo e a elaboração de obras lexicográficas:

[...] a lexicologia analisa a estrutura e o funcionamento das unidades do léxico, a lexicografia se preocupa na forma de registro de tais unidades num produto final (dicionário, glossário, banco de dados, etc.), pressupondo que o trabalho lexicográfico se configure dentro de uma ciência aplicada (SILVA, 2015, p. 210).

Ao analisar e registrar o acervo lexical de uma língua, a lexicografia assume um papel de grande relevância, pois além de preservar o idioma de uma determinada comunidade linguística, ainda sistematiza um conjunto de conhecimentos adquiridos e produzidos socialmente para que de forma estruturada e objetiva possam ser transmitidos entre culturas diferentes e também de geração em geração. Para Borba, a lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto:

(i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (BORBA, 2003, p.15).

Como técnica, a lexicografia levanta dados, faz estudo das unidades lexicais de uma língua e estabelece critérios para organizá-las no dicionário; enquanto teoria, procura refletir sobre o uso, tipos e problemas encontrados nas obras lexicográficas. Cabe ressaltar que a lexicografia teórica também recebe o nome de metalexigrafia.

A metalexigrafia abrange: o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica dos dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia. Portanto, na acepção

restrita, o lexicógrafo é quem produz um dicionário; quem escreve sobre dicionários é o metalexicógrafo (Welker, 2004 *apud* MORAES, 2007, p.19).

Nesse aspecto, nota-se que os estudos ligados à lexicografia teórica ou metalexicografia vêm sofrendo um significativo desenvolvimento, o qual permite comprovar que as obras lexicográficas não são todas iguais nem muito menos “neutras” como as sociedades costumam percebê-las. Pelo contrário, há grandes diferenças tipológicas e o que determina essa tipologia são: os objetivos de cada dicionário; as necessidades do público previsto; a quantidade palavras a serem repertoriadas; as escolhas feitas pelos dicionaristas das informações a serem registradas, dentre outros aspectos. Assinala-se também que os dicionários carregam as marcas discursivas do lexicógrafo que o produz, que, apesar de serem pouco percebidas pelo usuário, estão ali presentes, e assim “[...] o dicionarista enxerga a língua real segundo as crenças e preconceitos sociais, políticos, linguísticos etc.” (BRASIL, 2012, p. 41). Desse modo, podem deixar de fora da nomenclatura da obra produzida palavras que não condizem com seus ideais. De acordo com Krieger:

[...] no âmbito das ciências do léxico, a lexicografia e a terminologia, entendidas como ramos da linguística aplicada, diferenciam-se por seus respectivos objetos de investigação e de aplicações. A primeira ocupa-se do léxico geral da língua na perspectiva de sua dicionarização; enquanto a segunda volta-se ao universo dos termos técnico-científicos, correspondente ao léxico especializado (KRIEGER, 2014b, p. 328).

Enquanto o léxico básico de uma língua configura-se pelo acúmulo de signos verbais categorizados no decorrer da evolução desse idioma, o léxico especializado advém do constante progresso tecnológico alcançado pelas sociedades humanas, sendo necessária assim a criação de novos termos e palavras para designar técnicas e referenciar o universo lexical das mais diversas áreas da ciência. Para Biderman (2001b, p. 158), “[...] os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão segundo os padrões léxico-gramaticais nela existentes”. Destaca-se que o foco desta pesquisa centra-se na lexicografia às voltas com o dicionário de língua, que, segundo Kriger (2007, p.295), é “[...] a mais prototípica das obras lexicográficas, é o único lugar que o léxico de um idioma é registrado de forma sistemática.” Pelo fato de a terminologia possuir diversos pontos de intersecção com a lexicografia, fez-se necessária essa breve distinção.

A lexicografia, *grosso modo*, nasce com a necessidade do homem de registrar os acontecimentos que faziam parte de seu cotidiano, sendo tão antiga quanto às pinturas rupestres. Durão (2010, p. 17) observa que “[...] ao trazer à tona as pinturas rupestres, estamos trazendo concomitantemente os primórdios da escrita e, em consequência, a gênese dos dicionários.” Desde o surgimento da escrita propriamente dita, a lexicografia vem se aperfeiçoando e acompanhando a evolução das sociedades, tornando-se uma das grandes responsáveis pela transmissão de conhecimentos acumulados entre culturas e um dos fatores essenciais para o avanço tecnológico entre os seres humanos. De acordo com Rangel e Bagno (2006, p.13-14), os dicionários, tais como os conhecemos, surgiram na Europa no final do século XV, com propósitos diferentes: destinava-se a fazer equivalência entre o vocabulário do latim (ou grego) com as línguas modernas que iam se tornando independentes para que os alunos das universidades tivessem acesso aos textos clássicos. Por outro lado, era preciso também sistematizar, ao lado das recentes gramáticas das línguas modernas, a língua dos povos dominados para que se pudesse impor a língua do dominador. Quanto às obras lexicográficas em língua portuguesa, as primeiras dignas de nome, segundo Biderman (2001a, p. 17) foram: “Vocabulário Português-Latino”, de Rafael Bluteau (1712-1728); “Dicionário da Língua Portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1. ed. 1789, 2. ed. 1813).”

Desse ponto em diante, a literatura lexicográfica aos poucos vai tomando corpo, alcançando a contemporaneidade. Apesar de sua longa trajetória que acompanhou a evolução da escrita desde seus primórdios, carece ainda de muitas respostas para impor sua ciência e sua teoria.

1.3 Lexicografia Pedagógica

Ao se aproximar dos domínios do ensino e da aprendizagem de línguas, a lexicografia tem se especializado cada vez mais em um novo campo de investigação, denominado lexicografia pedagógica ou didática. É bom lembrar que ainda não há um consenso entre teóricos a respeito desse termo.

Tem como fundamentos básicos adequar as obras lexicográficas, mais especificamente os dicionários, para uso escolar, aos níveis de ensino e aprendizagem de maneira progressiva e sistemática, para que o aluno/aprendiz possa perceber o dicionário como potencial aliado no decorrer de sua vida

estudantil, seja para produzir textos, seja para o desenvolvimento da capacidade leitora, ou ainda, para o enriquecimento do repertório lexical para obter sucesso em suas interações orais cotidianas. Por esse caminho, Krieger informa que:

A lexicografia pedagógica é uma nova área de conhecimento que vem crescendo no mundo todo em razão da consciência sobre o importante papel dos dicionários para o ensino/aprendizagem de línguas. Mesmo considerando que todo e qualquer dicionário é um instrumento didático, pois traz inúmeras informações sobre a língua e a cultura, a Lexicografia Pedagógica tem como fundamento de que é preciso adequar o tipo de dicionário aos distintos projetos de ensino/níveis de aprendizagem (KRIEGER, 2012, p. 22).

Nesse aspecto, o Brasil vem avançando, pois as ações governamentais implementadas desde 2002 decidiram incluir as obras lexicográficas entre os materiais didáticos no contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com essa medida, o PNLD, além de retomar o valor pedagógico de gramáticas, propondo remodelá-las da forma mais próxima possível das situações e demandas do ensino e aprendizagem formais, também incluiu a consulta a dicionários como objeto de ensino e aprendizagem escolar.

Em consequência disso, os dicionários receberam um valor nunca antes manifesto pelo Estado. Em 2012, além de dotar a rede pública de ensino básico com coleções didáticas de todas as áreas, assim como de acervos complementares destinados ao letramento e à alfabetização iniciais, o MEC enviou às escolas de ensinos fundamental (EF) e médio (EM) quatro acervos de dicionários escolares, a saber: 1. Dicionário de tipo 1: apresenta de 500 a 1.000 verbetes e sua proposta lexicográfica está voltada para familiarização do alfabetizando com o gênero dicionário; 2. Dicionário de tipo 2: apresenta o mínimo de 3.000 e o máximo de 15.000 verbetes e sua proposta lexicográfica direciona-se àqueles alunos que estão em fase de consolidação do domínio da escrita; 3. Dicionário tipo 3: com no mínimo 19.000 verbetes e no máximo 35.000 sua proposta lexicográfica orienta-se pelas características de um dicionário padrão, adequadas aos alunos das últimas séries do primeiro segmento do ensino fundamental; 4. Dicionário tipo 4: apresenta no mínimo 40.000 e no máximo 100.000 verbetes com características de um dicionário padrão, contudo, adequado ao ensino médio e ao ensino médio profissionalizante.

Tabela 1: Tipos de dicionários

Tipos de dicionário	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo inicial de alfabetização.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: Ministério da Educação (BRASIL, 2012, p.19).

Destinados para públicos distintos e em diferentes fases de aprendizagem, esses tipos de dicionários voltam-se para às necessidades do público, adequando assim a organização estrutural e a densidade informativa para os diferentes níveis de ensino que compõem a educação básica. Foram selecionados alguns verbetes de desses dicionários a fim de demonstrar estruturalmente como essas obras lexicográficas se adaptam a seus públicos.

a) Dicionários Tipo 1:

Os verbetes do dicionário do tipo 1 destinam-se aos alunos em fase inicial de alfabetização, do primeiro ano do ensino fundamental, na idade de seis a sete anos;

seu papel é o de introduzir “[...] o aluno do primeiro segmento do ensino fundamental com esse gênero e com o tipo de livro que, em sua versão impressa, o caracteriza” (BRASIL, 2012, p. 21). Por isso, os “os dicionários de Tipo 1 são mais compatíveis com um alunado ainda em processo de compreensão e aquisição da escrita alfabética; [...]” (BRASIL, 2012, p. 22). O papel discursivo desse destinatário específico é o de alfabetizar-se e letrar-se por meio do gênero verbete. A organização dos verbetes está disposta de maneira a cumprir o principal objetivo dessa tipologia que é “[...] familiarizar o aluno com o gênero e oferecer subsídios para as primeiras explorações do vocabulário e do léxico” (BRASIL, 2012, p.22). Krieger assegura que:

[...] A porta de entrada ao universo dos dicionários pode e deve ser feita através de uma obra que motive a criança para a consulta. No entanto é recomendável que o repertório léxico inscreva-se dentro de campos temáticos relacionados ao cotidiano infantil [...] Uma seleção lexical baseada no universo social e cultural infantil facilita e motiva a aproximação da criança com o gênero dicionário (KRIEGER, 2007, p.306-7).

Segue exemplo de verbete de um dicionário destinado ao público infantil em processo de alfabetização:



Figura 1: Verbetes de um dicionário tipo 1 (BECHARA, 2011, p. 45).

Nesse verbete, há entrada colorida, divisão silábica e também flexão de número na mesma cor da palavra-entrada, com ausência de marca de uso, retomada da palavra-entrada no corpo do texto sempre na mesma cor do lema introdutório. Definição elaborada sob forma de oração (definição oracional) com

presença de linguagem coloquial, pertencente ao universo temático do mundo da fantasia, haja vista que o público-alvo a que se dirigem esses verbetes, como dito anteriormente, está em início de alfabetização, lidos pelo professor para a classe, facilitando assim a compreensão dos conceitos por parte dos alunos. Abonação introduzida por símbolo em cor diferente. Ilustração motiva a criança a se interessar pela palavra a ser definida, potencializando a interação entre texto e leitor. É bom lembrar que nem toda a nomenclatura dos dicionários do tipo 1 selecionados pelo MEC e enviados para as escolas em 2012 são ilustradas.

As três obras selecionadas foram: **Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó** (2011). Organizado por Paulo Geiger; **Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara** (2011), de Evanildo Bechara; **Meu primeiro livro de palavras; um dicionário ilustrado do português de A a Z** (2011), Maria Tereza Camargo Biderman; Carvalho, Carmen Silvia de Carvalho.

Apesar de destinados a públicos semelhantes, podem variar em muitos aspectos, em decorrência de seus projetos lexicográficos, visão de mundo, crenças, valores, etc. O mesmo pode ocorrer também com os tipos 2, 3 e 4.

b) Dicionários Tipo 2:

Nos verbetes destinados aos alunos do segundo ao quinto ano, há poucas retomadas, visto que a maioria das frases é curta. Verifica-se que a linguagem é mais formal, se comparada aos verbetes do dicionário tipo 1, tanto pela escolha lexical quanto pela organização das palavras. Isso, provavelmente, porque se considera que o destinatário, a criança já alfabetizada, vai se familiarizando com dicionários mais próximos do dicionário padrão.

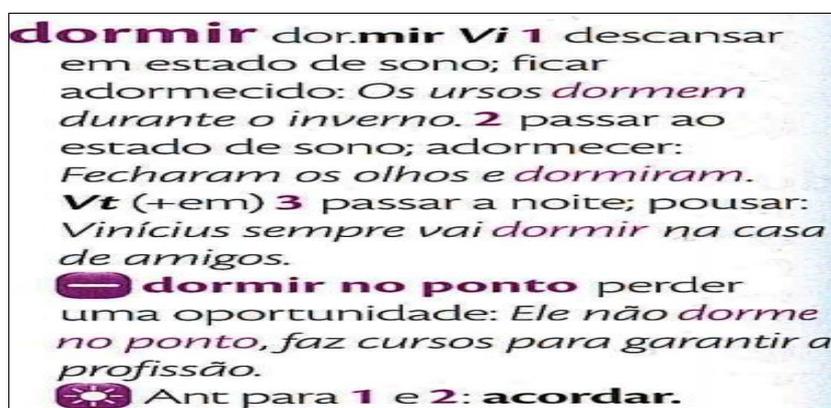


Figura 2: Verbetes de um dicionário tipo 2 (BORBA, 2011, p. 40).

Nota-se entrada em cor diferente do corpo do texto, assim como suas retomadas através das flexões do verbo conceituado. Utilização de linguagem formal, presença de divisão silábica, sílaba tônica marcada em negrito; também destacadas em negritos estão as abreviaturas indicando a transitividade do verbo e fechando o verbete aparece a palavra “acordar” negritada, chamando a atenção para o antônimo da palavra conceituada. Os verbetes deste tipo de dicionário podem apresentar ilustrações, contudo a maioria deles não as apresenta. Os dicionários de tipo 2 enviados para as escolas pelo MEC em 2012 foram os seguintes: **Dicionário ilustrado de português** (2009), de Maria Tereza Camargo Biderman (2009); **Fala Brasil!: dicionário ilustrado da língua portuguesa** (2011), Rita de Cássia Espechit Braga; Márcia A. Fernandes Magalhães; **Dicionário Aurélio ilustrado** (2008), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; **Dicionário escolar da língua portuguesa: ilustrado com a turma do Sítio do Pica--Pau Amarelo** (2011), organizado por Paulo Geiger (2011); **Saraiva Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado** (2009), Kandy S. de Almeida Saraiva; Oliveira, Rogério Carlos G. de Oliveira; **Dicionário júnior da língua portuguesa** (2011), de Geraldo Mattos.

c) Dicionários Tipo 3:

Os verbetes são organizados por um único tema ligado ao campo de significação da palavra e as retomadas textuais geralmente são introduzidas por sequência numérica 1, 2, 3, etc. “Só se valem – quando é o caso – de ilustrações funcionais, jamais recorrendo, portanto, a universos ficcionais ou perseguindo objetivos puramente motivacionais” (BRASIL, 2012, p. 32). Sua proposta lexicográfica aproxima-se da de um dicionário padrão e inclui palavras de todas as classes e tipos. O verbete é estruturado de modo mais complexo se comparado aos verbetes dos dicionários tipo 1 e tipo 2. Segue exemplo:

cateto <ca.te.to> (Pron. [catêto]) s.m. **1** Em um triângulo retângulo, cada um dos dois lados que formam o ângulo reto: *O teorema de Pitágoras estabelece a relação matemática entre os dois catetos de um triângulo e a sua hipotenusa.* **2** Mamífero herbívoro semelhante ao javali, de cabeça pontuda e focinho alongado, de pelagem acinzentada com uma faixa branca ao redor do pescoço, sem rabo, e com uma glândula no alto do lombo pela qual secreta um odor desagradável: *Você já provou carne de cateto?* □ SIN. caititu, porco-do-mato. □ GRAMÁTICA Na acepção 2, é um substantivo epiceno: o cateto {macho/fêmea}.

Figura 3: Verbetes de um dicionário tipo 3 (RAMOS, 2011, p. 158).

Palavra-entrada em cor diferente do corpo do texto, sendo utilizada novamente apenas para chamar a atenção do leitor para a flexão de gênero do lema em uma das acepções. Uso de linguagem formal, divisão silábica, sílaba tônica sublinhada, uso de abreviaturas para indicar marcas de uso e função gramatical. As abonações aparecem em itálico. Os exemplares enviados para as escolas pelo MEC em 2012 são os seguintes: **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa** (2011), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2011); **Caldas Aulete: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa** (2011), organizado por Paulo Geiger; **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**, (2011) de Evanildo Bechara; **Dicionário didático de língua portuguesa** (2010), de Rogério de Araújo Ramos e o **Dicionário da língua portuguesa ilustrado** (2010) de Kandy Saraiva de Almeida e Rogério Carlos G. de Oliveira.

Para o Ministério da Educação (Brasil, 2012, p. 33), “[...] a consulta geral a esses tipos de dicionários é motivada pela leitura de textos didáticos ou de divulgação científica”, haja vista, nessa fase do ensino fundamental (6º ao 9º ano), termos técnicos das disciplinas do currículo, como ciências, geografia, história, dentre outras, que passam a fazer parte do cotidiano escolar desses alunos.

d) Dicionários Tipo 4:

De acordo com o Ministério da Educação (2012) esses tipos de dicionários

[...] reúnem grande número de informações sobre cada palavra registrada. Para além da ortografia, da divisão silábica, da definição de uma ou mais acepções e dos exemplos de uso, presentes em obras dos quatro Tipos, os dicionários de Tipo 4 registram o maior número possível de acepções, associadas à classificação gramatical correspondente. Em sua maioria, indicam sinônimos, antônimos e parônimos (BRASIL, 2012, p. 35).

Como se confirma no exemplo a seguir:

menosprezível (me.nos.pre.zí.vel) *a. 1* Em que há menosprezo ou desprezo: “Tomou-lhe particular ojeriza e, nas referências menosprezíveis que lhe fazia, chamava-o, pejorativamente, de ‘barbeirinho’, quando não o mimoseava com epíteto mais rebarbativo.” (Dilermando de Assis, *A tragédia da Piedade*) *2* Que se pode ou deve menosprezar ou desprezar (valor menosprezível): *Tão menosprezível foi seu governo que não tentou se reeleger.* [Pl.: -veis.] [E.: menosprezar + -vel. Sin. ger.: desprezível, menoscabável, menosprezável. Ant. ger.: apreciável, elogiável, estimável, louvável.]

Figura 4: Verbetes de um dicionário tipo quatro (GEIGER, 2011, p. 915).

Assinalam a pronúncia de palavras que suscitem dúvida, registram a classificação de cada uso do vocábulo, apresentam a conjugação e a transitividade dos verbos, assinalam regências nominais e verbais por meio de marcas de uso. O nível de linguagem vai depender do domínio ao qual a palavra-entrada está associada, podendo ser: formal; informal; coloquial; pejorativo; chulo, etc. Vocábulos ou acepções regionais também são indicados (BRASIL, 2012, p.35). Os títulos selecionados foram: **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**, de Evanildo Bechara (2011); **Dicionário Unesp do português contemporâneo**, de Francisco S. Borba (2011), **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**, organizado por Paulo Geiger (2011) e o **Dicionário Houaiss conciso**, organizado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles.

Como se pode notar, o avanço nessa área vem ganhando espaço e, ao incluir os dicionários no PNDL, o MEC liga a ideia de tipos de dicionário a objetivos de ensino, fazendo-se cumprir os fundamentos básicos da lexicografia pedagógica. Esse cenário intensificou os estudos em torno da lexicografia, pois esses tipos de dicionários se tornaram alvo de muitas discussões e estão cada vez mais presentes em artigos, dissertações e teses, o que fez com que a produção de conhecimento em lexicografia e das obras lexicográficas apresentasse novas propostas para o ensino e aprendizagem do léxico no universo escolar.

1.3.1 Obras lexicográficas

Apesar de os estudos da lexicografia quase sempre estarem voltados para a teoria e a técnica dos dicionários – a obra lexicográfica por excelência -, é preciso destacar que outras obras, não menos importantes, também fazem parte do universo de investigação da lexicografia: os glossários, os vocabulários, os bancos de dados, etc.

Cabe observar que, no senso comum, dicionário, vocabulário e glossário são sinônimos, mesmo existindo divergências entre os lexicógrafos a respeito dessa classificação. Silva (2015, p. 216-7) afirma que o dicionário tenta armazenar todas as unidades lexicais de uma língua, mesmo sabendo que a totalidade é uma quimera; o vocabulário, por sua vez, armazena termos de uma área especializada, caracterizando-se como um dicionário especial, sendo o vocabulário um produto da

terminologia, ciência que trata do léxico especializado; o glossário, por fim, armazena palavras de um único texto ou de um único autor. Xavier assevera que

[...] a origem dos glossários remonta às anotações entre as linhas ou nas margens dos textos antigos, que tinham por objetivo esclarecer as suas passagens mais complexas. Com o tempo, elas passaram a ser reunidas e organizadas em ordem alfabética, possibilitando, conseqüentemente, uma maior praticidade na sua consulta (XAVIER, 2011, p.4).

Desde a antiguidade, quando o homem teve necessidade de relacionar sentidos às palavras, surgiram também as listas de vocábulos, atendendo assim as necessidades linguísticas dessas comunidades. Para Krieger

É assim (...) que nascem os glossários na Grécia Antiga, nos quais eram listadas e definidas palavras de difícil compreensão (...) quando organizadas alfabeticamente ao final dos textos, constituíam os glossários, que representam as primeiras formas de manifestação lexicográfica (KRIEGER, 2006, p. 141).

Apesar dessa breve distinção entre as principais obras lexicográficas, o foco desta pesquisa é o dicionário, ou mais especificamente, seu uso em sala de aula. Por isso, seguem algumas considerações sobre essa obra de referência.

1.3.2 O Dicionário

Um dos principais fatores que diferenciam o ser humano de outras espécies animais, como se sabe, é a capacidade de se comunicar e conseqüentemente poder trocar, registrar e fazer o resgate de informações, o que lhe confere a possibilidade de utilizar um sistema quase inesgotável de signos linguísticos, os quais fazem alusão aos significados das coisas que o homem pode perceber; quando esses signos se combinam estruturalmente, representam ideias, conceitos e descrições das coisas.

A condição para que a comunicação se estabeleça está centrada na palavra, a qual determina os contextos de cada significado, possibilitando assim a interação entre os falantes de uma mesma comunidade ou entre falantes de comunidades diferentes. Esse acervo de palavras pode ser encontrado por assim dizer nos dicionários, o que faz com que esse tipo de obra de referência seja um lugar profícuo para se aprender, processar e utilizar os conhecimentos ali sistematizados em torno de um determinado idioma.

De acordo com Geiger tem-se a seguinte definição para a palavra dicionário:

dicionário (di.ci.o.ná.rio) **sm** **1** Obra que reúne em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (dicionário de cinema/de inglês) **2** O conjunto de palavras ou termos reunidos nessa obra **3** Livro ou outro suporte que contém tais informações (dicionário eletrônico) [...] (GEIGER, 2011, p.495).

Como se pode observar pela definição, a abrangência de significado da palavra dicionário é bem ampla e logo se percebe que esta obra lexicográfica se desdobra em vários tipos de dicionários que se destinam a diferentes propósitos e a diferentes públicos. Por esse caminho, Krieger observa que

Há uma grande variedade de obras que recebem o nome de dicionário: dicionário bilíngue, terminológico, escolar, infantil entre outros. Cada um possui características específicas, entretanto, o dicionário de língua é o mais típico de todos. É o mais geral e mais abrangente no registro do léxico de um idioma, apresenta informações gramaticais, semânticas e outras relacionadas ao uso das palavras. São aspectos que justificam por que é também identificado como 'dicionário padrão' (KRIEGER, 2012, p.17).

Geralmente a quantidade de informações registradas em um dicionário tendem a variar de acordo com a proposta lexicográfica do(s) autor(es) e do público a que se destinam; comumente, em um dicionário mais completo é comum que se encontre informações: etimológicas, gramaticais, dos diversos sentidos que uma palavra pode assumir, informações sobre sinônimos, antônimos, parônimos, homônimos, exemplos de uso da palavra em expressões fraseológicas, possibilidades de grafia diferente, abonações contextuais da palavra para sinalizar seus possíveis sentidos “[...] o que, de praxe, é feito com citação de usos mais regulares ou de usos já efetivados em textos literários ou jornalísticos” (ANTUNES, 2012, p. 140).

A classificação tipológica dos dicionários é um tema delicado entre os especialistas, que na maioria das vezes não entram em consenso a respeito de uma classificação geral, assumindo muitas vezes propostas classificatórias muito divergentes. Segundo Miranda (2013, p. 20), “para o usuário, uma classificação de dicionários oferece um panorama das obras disponíveis, permitindo-lhe, assim, uma escolha mais acertada segundo as suas necessidades”. Também diz que “[...] para o crítico de dicionários, uma classificação constitui um subsídio que ajuda na tarefa avaliadora de obras lexicográficas”. (MIRANDA, 2013, p. 20). Sendo assim, segue alguns exemplos dos principais tipos: dicionários gerais da língua; dicionários

etimológicos; dicionários de sinônimos e antônimos; dicionários analógicos; dicionários temáticos; dicionários de abreviaturas, dicionários bilíngues ou plurilíngues, etc. Destaca-se ainda que, além dos dicionários supracitados, existem muitos outros que podem prestar as mais diversas funções ao consulente, tais como: dicionários de regionalismos; de frases feitas; de provérbios; de gírias, etc.

(a) dicionário geral da língua (dicionário geral): aquele que tem como objetivo dar conta do maior número possível de unidades de uma língua e do maior número possível de acepções para cada unidade, abrangendo os mais variados registros linguísticos (Correia, 2009: 39), como no Brasil, *Dicionário Aurélio* ou o *Dicionário Houaiss*; (b) e dicionário de especialidade (*dicionário especializado*), que tem como objetivo apresentar informações sobre um conjunto bem específico e restrito de unidades da língua; esses dicionários podem incidir sobre os usos lexicais mais típicos de um dialeto regional ou social (*dicionário de termos e expressões populares; dicionário de gíria*), ou mais próprios de uma área de conhecimento ou de um domínio do saber (*dicionário de análise do discurso*); ou focalizam, especificamente, sinônimos, antônimos, regências de verbos e nomes, neologismos, estrangeirismos, rimas, entre outros; (c) podemos referir ainda os *dicionários escolares* ou *pedagógicos*, que se apresentam em formato bem menor, com menos entradas e com informações abreviadas e em linguagem acessível a alunos do ensino fundamental e do ensino médio; [...] (ANTUNES, 2012, p.141-2).

Os dicionários são elaborados pelos dicionaristas, que sempre procuram formular uma descrição plausível para o léxico. Para isso, recolhem informações importantes no universo cultural dos usuários da língua, informações essas provenientes tanto de saberes popular quanto de saberes especializado com base na frequência de uso das palavras a serem dicionarizadas. Com o avanço da tecnologia e das mídias eletrônicas, hoje é possível acessar grandes *corpus* onde estão armazenadas as mais diferentes informações sobre as palavras de uma determinada língua, o que facilita bastante o trabalho do lexicógrafo. Contudo, a tarefa de elaboração de um dicionário atinge um alto grau de complexidade, pois as diversas informações sobre a palavra devem ser registradas de maneira a atender o público leitor que se deseja atingir, buscando auxiliar nas mais diversas situações comunicativas, sejam elas: para facilitar a leitura, auxiliar na escrita, na oralidade, na pesquisa etc. Segundo Antunes, esta tarefa:

Supõe um trabalho de muito estudo, de muito levantamento, acerca do que já está sedimentado lexicalmente; supõe muita observação dos itens que por acaso, tenham entrado mais recentemente em uso; muita atenção às alterações de significado atribuídas a palavras já existentes, à entrada de novas palavras (por neologia ou por empréstimo); enfim, supõe um trabalho metucioso – de olhos de lince - com o propósito de abranger o maior número possível de informações relevantes (ANTUNES, 2012, p.140-1).

É conveniente lembrar “[...] que a língua viva é real (...) é sempre mais complexa, mais variada e, sobretudo, mais dinâmica do que seus retratos no verbete.” (BRASIL, 2012, p. 40). Por isso, a língua real é que deve servir de “[...] parâmetro para uma análise de qualidade e da fidedignidade de um dicionário, e não o contrário.” (BRASIL, 2012, p. 40).

Nesse sentido, os conhecimentos que o dicionário põe à nossa disposição são “de segunda mão”, o que faz dele um gênero didático (e/ou de divulgação) por excelência. Numa definição de *átomo*, não vamos encontrar a definição dada por um físico, mas uma síntese, uma tradução de definições tecnicamente especializadas. Da mesma forma, nos conhecimentos culturalmente compartilhados, as explicações não são as que obteríamos perguntando a respeito a alguém na rua, mas uma versão mais formal e sistematizada. Portanto, também por esse motivo, os dicionários não são sempre - nem devem pretender ser - a “última palavra” sobre os itens que registram (RANGEL; BAGNO, 2006, p.23).

Em geral, quando se pensa em um dicionário, o que vem à mente é uma lista de palavras e seus possíveis conceitos, no entanto Welker (2004, p. 78) diz que na grande maioria dessas obras, encontram-se outros elementos, os textos externos, tais como prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informações sobre a pronúncia, resumo de gramática, listas de siglas e/ou abreviaturas, lista de nomes próprios, lista de provérbios, às vezes, certas curiosidades.

Os dicionários de língua estão estruturados em uma dupla estrutura: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura está organizada em três partes principais: As páginas iniciais, o corpo do dicionário e as páginas finais.

Nas páginas iniciais geralmente se encontram: a apresentação, listas e abreviaturas e instruções para o uso da obra. É na apresentação que estão as informações necessárias para a compreensão e o bom aproveitamento da proposta lexicográfica, os princípios de organização que oferecem ao leitor um roteiro seguro para que a informação seja buscada de forma rápida e precisa, o destinatário que se deseja atingir; pode-se encontrar ainda nas páginas iniciais os métodos que foram utilizados para a escolha dos itens lexicais que compõem a nomenclatura e as listas de abreviaturas utilizadas no corpo da obra, que além de facilitarem o entendimento de certas informações ainda sevem como economia de espaço para o suporte.

Todas essas informações é que vão apresentar o perfil de cada obra lexicográfica. Cabe lembrar, porém, que nem todas têm o cuidado de apresentar tais

informações, por isso o professor deve sempre estar atento a essa questão e procurar direcionar o aluno à leitura e à possível compreensão dessa parte do dicionário para que vá ganhando autonomia e possa reconhecer detalhes importantes para o sucesso na proficiência do uso do dicionário.

O corpo do dicionário, também chamado de nomenclatura, é constituído por todas as palavras catalogadas. Essas palavras encontram-se dispostas em ordem alfabética, na forma de lema, seguidas das informações a elas relacionadas, formando esse conjunto (palavra-entrada mais informações) o verbete.

Faz-se necessário destacar ao aluno que nem sempre ele vai encontrar todas as palavras pesquisadas e que os substantivos e os adjetivos sempre vão aparecer no masculino e no singular, salvo raras exceções quando suas flexões tenham se tornado novas palavras, como demonstra Krieger (2012, p. 28): “[...] *portão*, que não quer dizer uma porta grande ou *mosquito*, que é um tipo de inseto e não uma mosca pequena [...]”. Caso também dos verbos que vêm sempre registrados na sua forma de infinitivo, como em chorar, cantar, sorrir, vencer, e nunca em suas formas flexionadas, como em “chorei”, “cantasse”, “sorria”, “vencera”. Contudo, com bem lembra Krieger:

Em suas versões informatizadas os bons dicionários oferecem o recurso de, a partir de uma flexão de nome ou verbo, chegar ao lema, ou seja, a partir de plural, feminino ou flexão verbal pode-se localizar o ‘verbe’ e as informações nele contidas (KRIEGER, 2012, p. 28).

Como não poderia ser de outra forma, em relação ao dicionário tradicional impresso e de papel, o dicionário eletrônico possui algumas diferenças, a começar pelo tipo de suporte, digital. Sem contar que só aparecerá ao leitor quando solicitado e ainda assim, apenas aparecerá para o usuário o verbete desejado sendo todo o resto da obra ocultada, sendo impossível contemplar toda a extensão dessa obra.

A situação mais dramática, no entanto esteja talvez no verbete desejado. Na situação tradicional, considerando o texto impresso em papel, há uma interrupção muito grande no processo da leitura quando o leitor precisa consultar o dicionário (LEFFA, 2006, p.324).

Por não ser o foco desta pesquisa se aprofundar nas características do dicionário eletrônico, fez-se essa breve comparação entre o dicionário eletrônico e o tradicional a fim de demonstrar essa mudança de suporte, e que o avanço da tecnologia atinge a todos e dessa forma o leitor deve estar atento a todas as perspectivas que possam a vir contribuir com seu conhecimento.

Por fim, nas páginas finais que fecham a macroestrutura de um dicionário, podem aparecer tabelas, mapas, bibliografias, etc. Nos dicionários escolares, que são o foco desta pesquisa, geralmente estão presentes informações que visam a auxiliar o aluno no aprendizado do idioma, tais como: tabelas com modelos de conjugações de verbais, lista de numerais, de sufixos e afixos dentre outros. Podem-se encontrar também temas relacionados a outras disciplinas do currículo como informações históricas, tabelas periódicas, informações enciclopédicas, etc.

É bom lembrar que o dicionário pode variar muito de uma proposta lexicográfica para outra, ficando a cargo de o dicionarista incluir ou excluir informações que esteja de acordo com o público que ele deseja atingir.

1.3.3 O Verbetes

Nos verbetes de um dicionário, os quais constituem a microestrutura dessa obra, é que o consulente vai encontrar detalhes de uma unidade léxica.

A microestrutura se define como o conjunto de informações contido dentro de um verbete, uma unidade ordenada horizontalmente. A microestrutura de um verbete é composta de: (i) entrada (outros nomes: palavra-entrada, lema ou cabeça de verbete); unidade a ser definida ou explicada: (ii) enunciado lexicográfico; definições e dados adicionais. A definição é uma paráfrase da entrada (SILVA, 2015, p.213).

Cumprido lembrar que os verbetes seguem um padrão de estruturação. Mesmo ocorrendo variações entre os diferentes dicionários, o verbete “[...] constitui-se de palavra-entrada, informação gramatical e informação semântica por meio da definição” (KRIEGER, 2012, p. 29). Murakawa complementa que:

[...] o verbete ou artigo lexicográfico é a unidade mínima na organização de um dicionário. Está constituído pela palavra-entrada ou lema que é a unidade léxica a ser tratada e por um conjunto de informações sobre essa unidade. E este conjunto, por sua vez, pode variar de acordo com o propósito do dicionário e com o público a que se destina. Reúnem-se, no verbete informações sobre etimologia, pronúncia, ortografia, classe gramatical, restrições de uso (se a palavra-entrada está em uso, se é empregada em determinada região geográfica, se é de área de especialidade ou se esta restrita a um determinado registro linguístico), sinônimos, antônimos, combinações léxicas, aspectos sintáticos relevantes, irregularidades morfológicas e principalmente a definição das diversas acepções e exemplos (MURAKAWA, 2007, p.238).

Ressalta-se que quanto mais detalhes estruturais contiver um verbete, maior será o número de informações sobre as particularidades contextuais e semânticas das palavras, tais como: gírias, regionalismos, estrangeirismos, sentidos específicos de áreas de especialidades, arcaísmos, dentre outros. Nesse percurso Krieger pontua que:

[...] a estruturação de um verbete obedece a um eixo ordenador que é de natureza semântica. O eixo semântico comanda a construção da rede de acepções da microestrutura que, no fundo, corresponde a um pequeno universo de significados relacionados à palavra entrada; apesar do eixo semântico comandar a organização geral do verbete, seguidamente, o registro de cada novo sentido pode (e em muitos casos *deve*) iniciar com informações de uso sobre o contexto de uso de cada palavra entrada [...] (KRIEGER, 2012, p.30).

Para um melhor aproveitamento do uso do dicionário, é necessário que o consulente siga as indicações que o guiam pelo universo semântico do item lexical pesquisado. Nesse contexto, Krieger diz que “para dar todas as informações sobre a palavra, os dicionários têm uma espécie de código, traduzido por marcas formais que chamamos de ‘chaves de leituras’ de um verbete” (2012, p. 30). A autora segue informando que essas chaves são marcações que conduzem a leitura do verbete e indicam tanto aspectos semânticos quanto gramaticais da palavra, podendo também apontar aspectos relacionados às diferentes interações em que os discursos se realizam.

Essas chaves marcam numericamente cada acepção, delimitando assim o espaço ocupado pelos sentidos atribuídos ao lema. Muitas outras marcas tipográficas também são utilizadas para diferenciar os diferentes tipos de informações presentes num verbete, tais como: abreviaturas, negrito, sublinhado, itálico, maiúsculas, cores, parênteses, dentre outros. Segue exemplo

DORMIRdor.mirVi **1** passar ao estado de sono; *Estava cansado, dormi a noite toda.***2** conservar-se imóvel; ficar inativo: *A natureza dorme.***3** distrair-se: *José dormiu, perdeu o trem.* **4** fazer morto: *Ali dormem seus antepassados.*Vt (+em) **5** pernoitar; pousar: *O viajante dormiu num hotel.* (+em/sobre) **6** ficar; permanecer: *Garrafas e pratos dormiram na/sobre a mesa.* (+sob) **7** estar latente: *O tempo passou, mas aquele velho amor ainda dorme sob meu peito.* (+com) **8** relacionar-se sexualmente: *Dormiu com o noivo.* **d. de touca** deixar-se enganar **d. em pé** estar muito cansado ou com muito sono **d. no ponto** deixar de tomar providências:*Lica dormiu no ponto, não entregou os papéis.* **para boi d.** para enganar: *Isso é conversa para boi dormir!* **(i)** Ant para **1acordar.** **(ii)**Conjug.: irreg., grupo III. (BORBA, 2011, p.454).

Krieger observa que:

O registro de todo esse conjunto de dados linguísticos, identificados por chaves de acesso, comprovam que o dicionário é uma ferramenta de grande apoio para os ensinamentos da língua materna. Cabe ao professor direcionar o olhar do aluno para dentro do verbete, levá-lo a entender o universo de informações que lhe são oferecidas. Conhecendo mais a sua língua, o aluno pode, ele mesmo, procurar melhorar seu desempenho comunicativo (KRIEGER, 2012, p. 46).

Por tudo isso, torna-se evidente que o dicionário assume um papel muito importante para se ensinar e se aprender um determinado idioma, pois reúne o acervo lexical presente nos discursos das comunidades; além disso, ao registrar e fixar esses itens, retrata a memória cultural de um povo e acompanha a evolução da língua através dos tempos, enfocando seus aspectos linguísticos, semânticos e textuais.

Borba corrobora com essa ideia quando diz que um dicionário “[...] deve ser um guia de uso e, como tal, tornar-se um instrumento pedagógico de primeira linha” (2003, p.16). Dessa forma, cabe destacar que, apesar de todo esse potencial didático/pedagógico, o dicionário ainda continua sendo usado, na grande maioria das vezes, como um repositório de palavras a serem consultadas para se obter apenas o sentido primeiro ou a ortografia correta dessas lexias.

Sendo assim, é preciso voltar o olhar para o tratamento dado ao léxico no ensino da língua materna e buscar novas propostas de abordagem desse tema tão relevante para a formação do ser humano como um todo, pois, ampliando o repertório lexical, o aluno pode se impor como cidadão e ser aceito e reconhecido como membro de um determinado grupo humano historicamente situado.

Tabela 2: Informações básicas para o uso do dicionário

Termo	Definição
Abonação	“Frase ou enunciado, extraído de um autor onde ocorre a palavra que está sendo definida [...]”.
Acepção	“Cada um dos sentidos ou significados de uma palavra polissêmica [...]”.
Cognato	“Palavra que tem a mesma raiz de outra [...]”.
Entrada	Cada uma das palavras explicadas por um dicionário [...].
Lema	“Unidade lexical ideal que representa um paradigma de formas flexionadas [...]”.
Léxico	“Conjunto de palavras de uma língua”.
Remissão	“Ato de remeter o leitor a outros verbetes.”
Verbetes	“O texto de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria.”

Fonte: Pontes (2000, p. 62-3).

2 METODOLOGIA

Além de buscar ampliar e desenvolver o repertório lexical dos alunos, esta pesquisa também visa a fomentar novos conhecimentos e descobertas a respeito do ensino do léxico em sala de aula, lançando mão das bases teóricas da lexicologia, da lexicografia e principalmente da lexicografia pedagógica ou didática, o que implica a utilização de um conjunto de métodos baseados na metodologia científica para se chegar a resultados satisfatórios.

Nesse caminho, quanto à forma de abordagem do problema, tendo em vista o foco do presente estudo, convencionou-se utilizar uma pesquisa qualitativa buscando estudar de forma aprofundada a natureza das ações do público-alvo. A abordagem qualitativa, segundo Richardson (1999, p. 79) justifica-se por constituir-se numa “[...] forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Quanto aos objetivos, tendo em vista que sua definição determina o que o pesquisador quer atingir com a realização do trabalho, esta pesquisa apresenta-se como exploratória (pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas, etc.), descritiva e explicativa.

Classifica-se como exploratória devido ao tema, que necessita de uma maior abordagem no âmbito da Educação.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento das ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 1987, p.45).

Esta pesquisa classifica-se também como descritiva (pesquisa de opinião, estudo de casos, dentre outras), que se define da seguinte forma:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis. [...] Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa (GIL, 1987, p.46).

Entende-se, assim, que a presente pesquisa é também explicativa (pesquisa de campo, experimental, teórica, etc.), cuja preocupação central é:

[...] identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. Pode-se dizer que o conhecimento científico

está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos (GIL, 1987, p. 47).

Quanto aos procedimentos técnicos, tendo em vista os pressupostos que a fundamentam, adotou-se como estratégia de pesquisa o estudo de caso que pareceu um procedimento apropriado, visto que o trabalho visa a compreender e a descrever um fenômeno social contemporâneo, preocupado com questões concernentes ao dia a dia dos alunos. Nesse caso, inserido no sistema educacional contemporâneo.

Adota-se nesta pesquisa o estudo de caso descritivo e interpretativo, que são utilizados para desenvolver categorias conceituais ou para ilustrar e dar suporte às suposições teóricas obtidas antes da coleta de dados. Considerando-se que este projeto se fundamenta na ideia de que o domínio do conhecimento da realidade pressupõe atividades de interpretação e compreensão, optou-se em dividi-lo em momentos distintos.

Primeiramente desenvolveu-se um estudo de cunho bibliográfico com vistas a aprofundar os conhecimentos sobre léxico, lexicologia, lexicografia, lexicografia pedagógica, dicionários, verbetes, gêneros discursivos, estratégias de leitura, entre outros temas necessários para a realização do trabalho.

Depois se abordou eminentemente o enfoque qualitativo para se descobrir as opiniões, dos níveis estratégico e tático, a respeito do processo. Para tanto, foram aplicados questionários aos alunos para obter informações a respeito de suas percepções sobre o dicionário. A partir dos dados gerados pela análise dos questionários, optou-se pelos seguintes passos:

1- Como primeiro passo de intervenção na escola, houve capacitação dos alunos para o uso do dicionário. Para isso, aplicaram-se sequências de atividades que os levaram a refletir sobre a forma de manejo, tipos de dicionário, público a que se dirige, como está organizado estruturalmente o dicionário, como pode ser usado na assimilação de conhecimentos, etc. (Atividade em anexo – ANEXO E)

2 – Num segundo momento, dividiu-se a turma em grupos para que fosse feita a análise da letra de música a partir de seu vocabulário. A análise teve como foco apenas as palavras lexicais ou plenas (substantivos, adjetivos e verbos) e suas possíveis relações semânticas de acordo com o contexto da canção e o conhecimento linguístico e de mundo dos alunos.

Como apoio para a análise, os grupos puderam utilizar dicionários escolares Tipos 3 e 4 da coleção do PNLD-Dicionários (2012) de língua portuguesa. Os de Tipo 3 foram os seguintes: **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa** (2011), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2011); **Caldas Aulete: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa** (2011), organizado por Paulo Geiger; **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**, (2011) de Evanildo Bechara; **Dicionário didático de língua portuguesa** (2010), de Rogério de Araújo Ramos e o **Dicionário da língua portuguesa ilustrado** (2010) de Kandy Saraiva de Almeida e Rogério Carlos G. de Oliveira. Os de Tipo 4: **Dicionário da língua portuguesa**, de Evanildo Bechara (2011); **Dicionário Unesp do português contemporâneo**, de Francisco S. Borba (2011), **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**, organizado por Paulo Geiger (2011) e o **Dicionário Houaiss conciso**, organizado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles.

Contudo, foram orientados para que fizessem o ajuste do verbete selecionado à situação discursiva em questão, que é a construção do glossário a partir da letra de música. Para cada palavra analisada, os grupos atribuíam um conceito claro e direto, respeitando os limites do campo semântico do texto analisado. Ao final, recolheram-se as primeiras produções feitas pelos alunos.

3 – Para finalizar, as produções recolhidas e compiladas anteriormente, foram redistribuídas entre os grupos para que fossem reescritos e ajustados os verbetes para se chegar à produção final, ou seja, um único glossário produzido por toda a turma.

Para apresentar uma proposta dentro dos estudos do léxico que contribuísse com o ensino da língua no nível fundamental, aproximando conhecimento científico e saber escolar, foram, portanto, cumpridas as seguintes etapas: questionário sobre uso do dicionário; proficiência lexicográfica dos alunos; atividade de construção de verbetes com base em *corpus* (letras de música); finalização do glossário em grupo.

Partindo da hipótese de que há deficiência no uso do dicionário como ferramenta pedagógica, a realização dessas etapas foi a estratégia adotada neste trabalho para apresentar uma proposta que incentive o uso de dicionário e melhore as competências linguística (reflexão sobre a língua), lexical (aumento de vocabulário ativo e passivo), textual (organização transfrástica), discursiva (relação entre texto e realidade sócio histórica), semântica (construção de significado),

pragmática (uso da língua), comunicativa (uso de formas conforme o contexto) e, sobretudo, lexicográfica (uso de dicionário para aprendizagem da língua).

2.1 Análise dos Dados e Confirmação da Hipótese

Com base nos estudos das propostas teórico-metodológicas presentes em Borba (2003), Biderman (2001), Welker (2004), Rangel e Bagno (2006), Krieger (2012), Antunes (2012), Durão (2010), Brasil (2012), dentre outras abordagens sobre a lexicografia e sua relação com o ensino e a aprendizagem do léxico em sala de aula, percebeu-se que, apesar dos avanços de estudos na área, os dicionários continuam sendo subutilizados no universo escolar, seja por parte dos alunos, que não recebem as devidas instruções de como utilizar o dicionário, seja por parte dos professores, que na sua grande maioria nunca tiveram a devida formação para utilizar o dicionário como potencial ferramenta de ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Sendo assim, foram aplicados questionários aos alunos envolvidos na pesquisa para que se pudesse verificar que papel o dicionário assume, enquanto ferramenta pedagógica, para o ensino e aprendizagem da língua materna em seu cotidiano escolar.

Como forma de verificar a hipótese de que a lexicografia pedagógica vem sendo pouco explorada, em se tratando do ensino da língua materna em ambiente escolar, aplicou-se um questionário² composto de dez questões a 54 alunos de duas escolas públicas estaduais do município de Jacarezinho, no estado do Paraná. Tal questionário foi pensado e formulado com base nas sugestões de Welker (2008, p.1-17). Segue balanço das análises da investigação.

2.1.1 Análise dos dados do questionário dos alunos do 8º ano do Colégio Estadual Luiz Setti

Pergunta 1- A que série você pertence? Idade?

Pertencem ao 8ºano e possuem idade entre treze e dezessete anos. Nota-se aqui a distorção entre idade/ série, uma das grandes preocupações da escola pública

² Antes de aplicar o questionário, foram colhidos termos de consentimento e de assentimento de pais e alunos envolvidos na pesquisa, além do termo de autorização do diretor de escola para coleta de dados nas duas escolas. Modelos dos documentos em anexo.

brasileira. Os altos índices de reprovação presentes nos sistema educacional brasileiro causa desmotivação nos estudantes e é responsável por grande parte das evasões escolares.

Pergunta 2 – Você já consultou um dicionário?

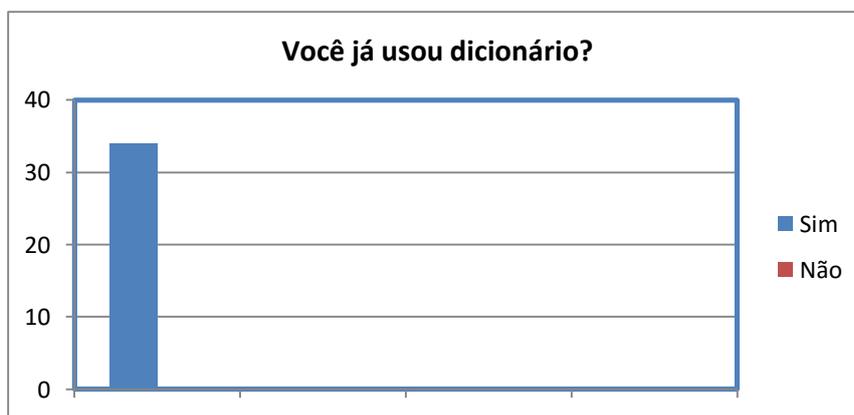


Gráfico 1: Você já usou dicionário?

Tendo em vista a popularidade do dicionário e o fato do público-alvo estar cursando o 8º e 9º ano do ensino fundamental, e por isso já terem uma trajetória de estudos relativamente significativa, e nesse caminho, possivelmente, já tiveram contato com essa obra lexicográfica, ademais dicionários são muito comuns nas mais diversas esferas por onde circula o falante, sem contar os dicionários eletrônicos, que ao simples clique podem estar às mãos dos mais variados usuários por meio de celulares, tabletes, notebooks, etc. Sendo assim, e como não poderia deixar de ser, todas as respostas foram positivas sobre já ter usado ou consultado um dicionário pelo menos uma vez na vida.

Pergunta 3 – Quais tipos de dicionário você conhece?



Gráfico 2: Quais tipos de dicionário você conhece?

Quanto a conhecer os tipos de dicionário, os alunos na sua grande maioria, como se pode perceber no gráfico, reconhecem apenas os tipos utilizados no universo escolar referente ao ensino e aprendizagem línguas. No caso aqui especificado, o monolíngue Português/Português, e os bilíngues Português/Inglês e Português/Espanhol, este último possivelmente pelo estado do Paraná, ofertar cursos de língua estrangeira moderna às escolas públicas o CELEM (Centro de língua estrangeira moderna) diferentemente do inglês que compõe a matriz curricular. Porém, no caso do campo outros, dois alunos citaram dicionário de matemática e os demais citaram o nome do dicionário (Aurélio, Houaiss, Saraiva, Etc.). O que comprova a falta de conhecimento a respeito das tipologias dessas obras lexicográficas.

Pergunta 4 – Você possui dicionário em casa? () Sim () Não. Se sim, quais?

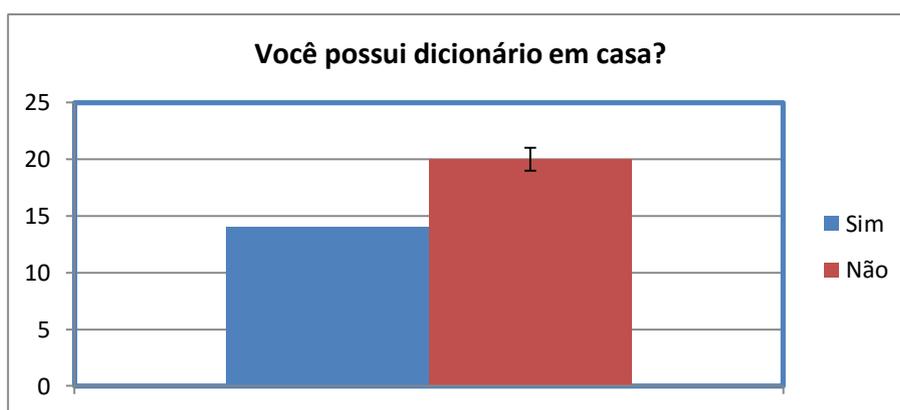


Gráfico 3: Você possui dicionário em casa?

Nessa questão, pode-se perceber que dos trinta e quatro alunos, somente catorze possuem dicionário em casa, dicionários de uso escolar de Português e Português/Inglês. Há que se destacar que o público-alvo pertence a uma comunidade carente, e que os pais na sua grande maioria vivem de salário mínimo, ou moram com avôs ou avós aposentados, ou são criados apenas pela mãe ou apenas pelo pai, justificando assim, a provável impossibilidade financeira de se comprar um dicionário.

Pergunta 5 – Você tem o hábito de consultar dicionário?

Se sim, para que finalidade?

Caso não use, por quê?

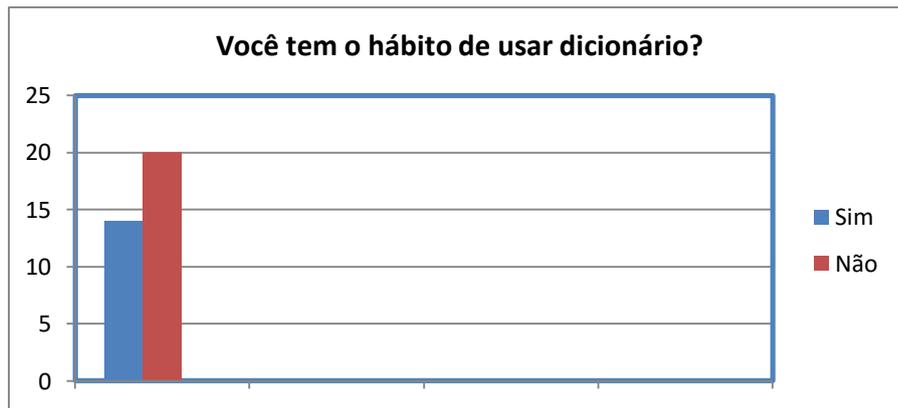


Gráfico 4: Você tem o hábito de usar dicionário?

Os dados desse gráfico se repetem na mesma proporção do anterior, indicando que os alunos que possuem o dicionário em casa o consultam com mais frequência, e assim justificaram a finalidade do uso:



Gráfico 5: Usam para:

Aqui reside uma das grandes preocupações da lexicografia quanto à subutilização do dicionário, pois ao se prender ao significado da palavra ou consultá-lo apenas para sanar dúvidas sobre a ortografia do vocábulo, todo potencial pedagógico do dicionário sofre uma grande ameaça; dos catorze que disseram ter o hábito de usar o dicionário, dez o utilizam apenas para a busca do significado, três deles fizeram uma colocação mais sensata ao responderem que usam para aprender a língua e apenas um disse que usa só na escola quando solicitado. Vamos às justificativas do não uso do dicionário:



Gráfico 6: Responderam não porque:

Dos vinte alunos que declararam que não possuem o hábito de usar o dicionário, seis deles disseram que não têm interesse, quatro alegaram que usam a internet, outros quatro não possuem o hábito e um disse que lhe falta tempo, enquanto os quatro restantes não souberam responder. Percebe-se claramente nesta questão que o problema maior é a falta de conhecimento sobre o potencial pedagógico do dicionário por parte do professor, que, ao não apresentar essa obra a seus alunos priva-os de ter como aliado essa ferramenta, que pode servir de grande apoio a seus estudos.

Pergunta 6– Seus professores já recomendaram o uso de dicionário em sala de aula?

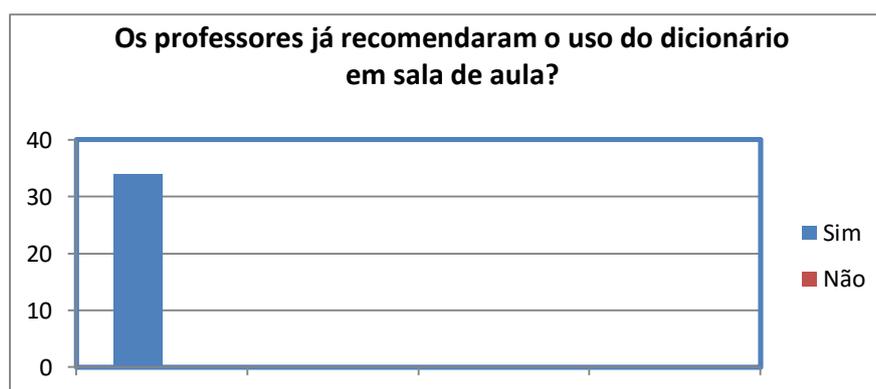


Gráfico 7: Os professores já recomendaram o uso do dicionário em sala de aula?

Os alunos foram unânimes ao afirmar ter recebido recomendações para usar o dicionário em sala de aula.

Pergunta 7 – Já teve alguma explicação em sala de aula de como usar o dicionário? Se sim, quais?

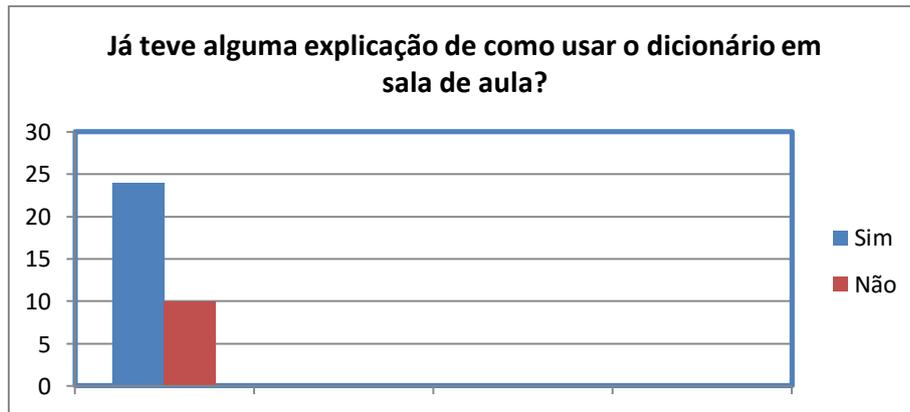


Gráfico 8: Já teve alguma explicação de como usar o dicionário em sala de aula?

Dos trinta e quatro alunos, vinte e quatro disseram ter tido orientação para o uso correto do dicionário em sala de aula, enquanto dez afirmaram que nunca tiveram nenhuma orientação. Os que responderam “sim” alegaram que as explicações foram as seguintes:

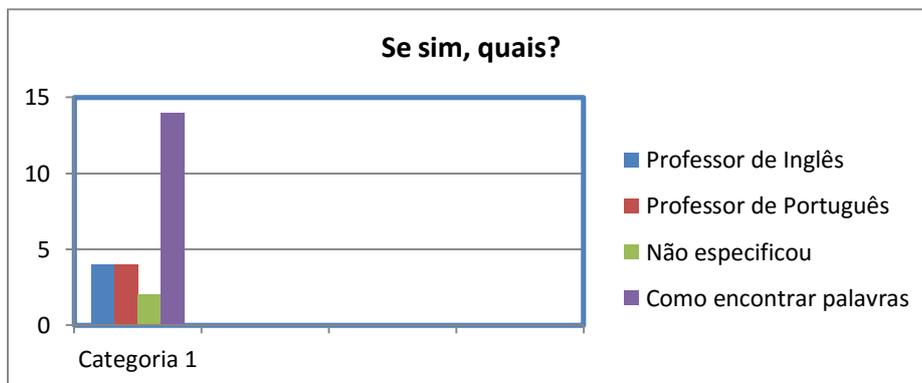


Gráfico 9: Se sim, quais?

Quatro alunos disseram ter recebido instruções do professor de inglês, outros quatro do professor de português, dois deles não especificaram o tipo de orientação e os catorze restantes alegaram ter recebido orientações de como encontrar palavras, mas não revelaram o professor nem a disciplina. Cabe aqui uma ressalva, os únicos professores especificados, como se pode notar, são os professores de línguas, confirmando assim a suposição de que outras disciplinas, como geografia, ciências, história, matemática, etc., deixam de explorar o potencial dessa obra tão significativa para todas as áreas do conhecimento.

Pergunta 8 - Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?

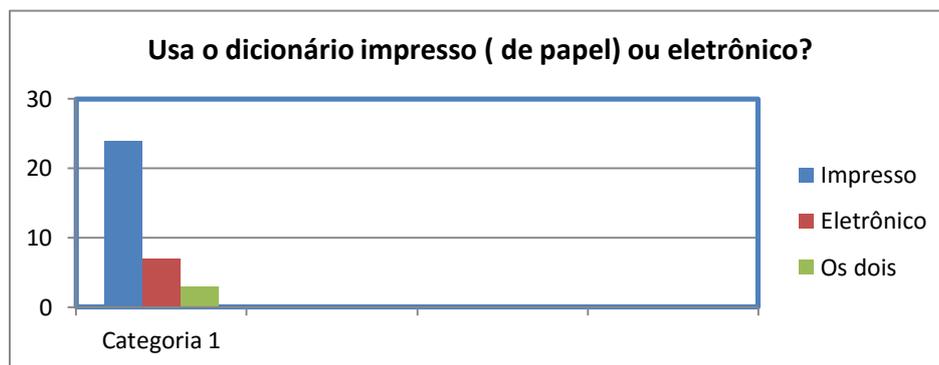


Gráfico 10: Usa dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?

Segundo o gráfico acima, a maioria dos alunos (vinte e quatro), quando usam, usam o dicionário impresso; isso se justifica pela escola estar localizada em uma área carente da periferia da cidade de Jacarezinho. Apenas sete disseram usar o dicionário eletrônico, enquanto outros dois afirmaram fazer uso dos dois suportes. E quanto ao por que do uso, as justificativas foram as seguintes: um dos alunos informou que só sabia usar o impresso, dois deles disseram não possuir internet, nove responderam que é mais fácil de ser utilizado, três pontuaram que é o único que tem na escola, um aluno disse que é o mais acessível, dois disseram que é o único que têm em casa, enquanto os outros seis não opinaram. Dos sete alunos que afirmaram usar o dicionário eletrônico, seis alegaram ser mais fácil e um ser mais prático. Os que disseram fazer uso dos dois suportes não souberam responder.

Pergunta 9 – Quais suas críticas em relação aos dicionários? Cite problemas e dificuldades.

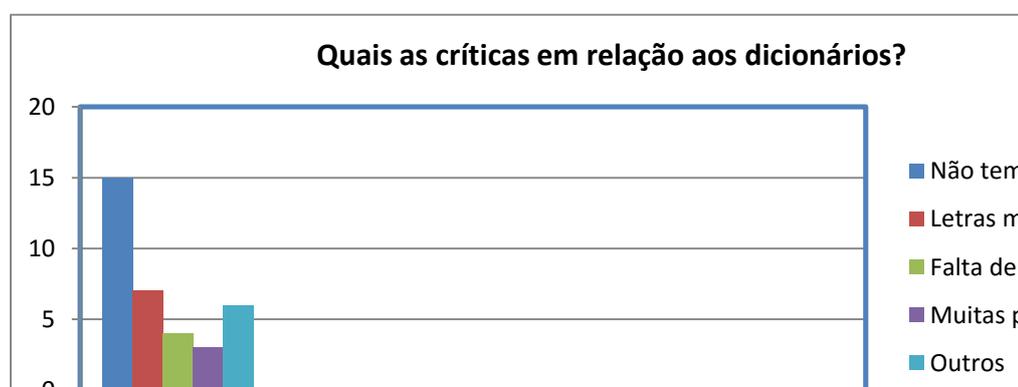


Gráfico 11: Quais as críticas em relação ao dicionário?

Quanto às críticas feitas pelos alunos aos dicionários, metade dos trinta e quatro informou que não havia críticas a fazer; do restante, alguns criticaram o

tamanho das letras, dizendo que deviam ser maiores, outros disseram que faltam verbetes, uns reclamaram que o dicionário tem muitas palavras e os demais não souberam responder. Mais uma vez aqui, percebe-se a falta de conhecimento do gênero por parte dos alunos, pois ao exigirem letras maiores, ignoram o fato de o dicionário primar pela economia de espaço, como forma de diminuir o tamanho do suporte. Para finalizar, a última pergunta questiona-se o seguinte:

Pergunta 10 - O que gostaria de ver melhorado no dicionário?



Gráfico 12: O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

As respostas se mostram bem variadas, como se pode notar no gráfico, indo desde a reivindicação por letras maiores, passando por exigências de ilustrações, até maior facilidade de busca pelas palavras. E seis dos alunos informaram que o dicionário não precisa de melhoras.

2.1.2 Análise dos dados do questionário dos alunos do 9º ano do Colégio Rui Barbosa.

Pergunta 1- A que série você pertence? Idade?

Pertencem ao 9º ano e também possuem idade entre 13 e 17 anos.

Percebe-se aqui a distorção idade série, causa frequente de evasão escolar e indisciplina em sala de aula.

Pergunta 2 – Você já consultou um dicionário?

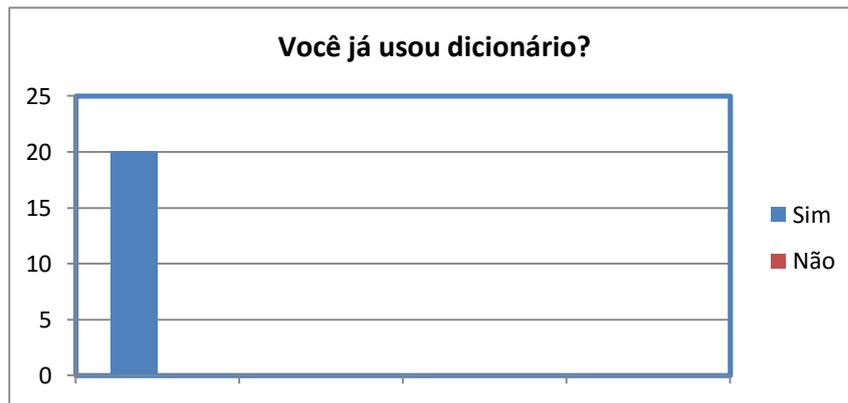


Gráfico 13: Você já usou um dicionário

Pela popularidade do dicionário e pelo fato de os alunos estarem inseridos no universo escolar, esse resultado já era de se esperar: Cem por cento dos alunos já usaram o dicionário pelo menos uma vez na vida. Contudo, desconheciam o manejo e as partes que o compõem.

Pergunta 3 – Quais tipos de dicionário você conhece?

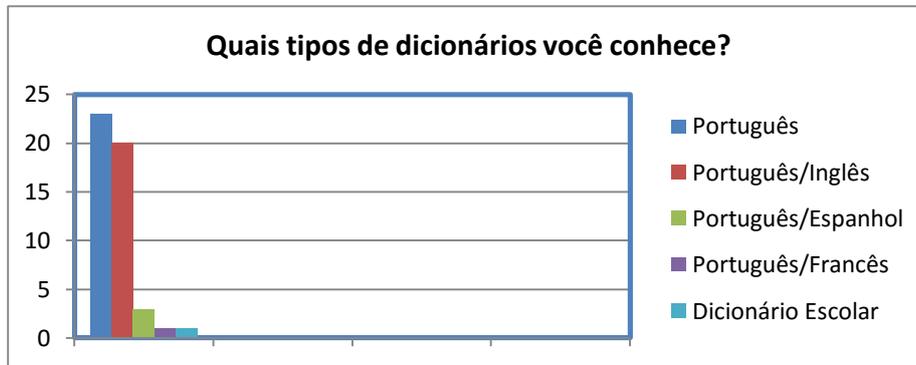


Gráfico 14: Quais tipos de dicionário você conhece?

Também aqui, os tipos de dicionários conhecidos pelos alunos são aqueles utilizados para auxiliá-los no aprendizado de línguas, tanto da materna quanto das estrangeiras.

Pergunta 4 – Você possui dicionário em casa? () Sim () Não

Se sim, quais?

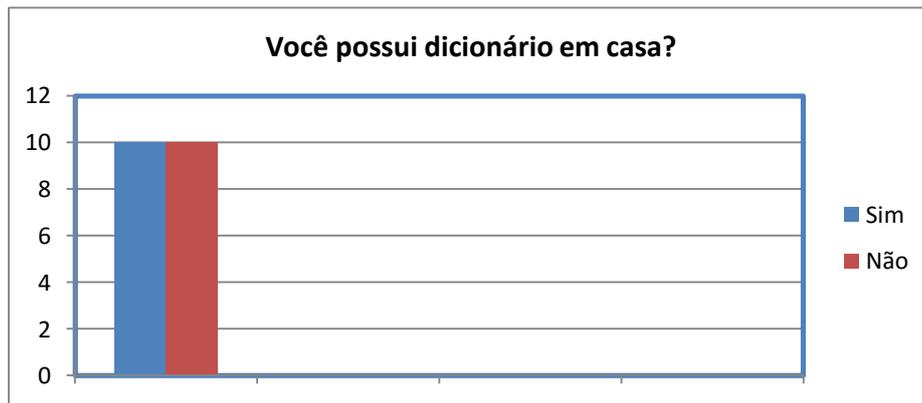


Gráfico 15: Você possui dicionário em casa?

Sobre possuir dicionário em casa, dos vinte alunos questionados, dez disseram possuir; os outros dez não possuem. Os dicionários que os alunos têm em casa são de português ou português/inglês.

Pergunta 5 – Você tem o hábito de consultar dicionário?

Se sim, para que finalidade? Caso não use, por quê?

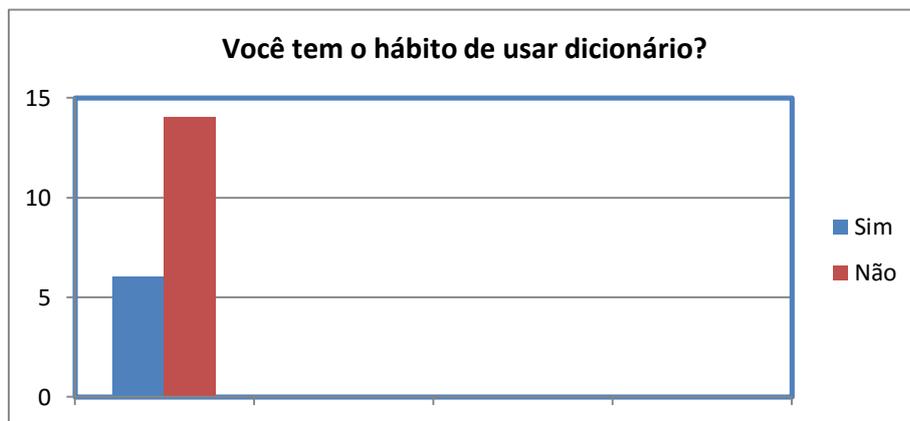


Gráfico 16: Você tem o hábito de consultar dicionário?

Enquanto apenas seis alunos dizem ter o hábito de usar o dicionário, os outros catorze dizem não utilizá-lo habitualmente. Quanto à finalidade, para os que o utilizam, são as seguintes:

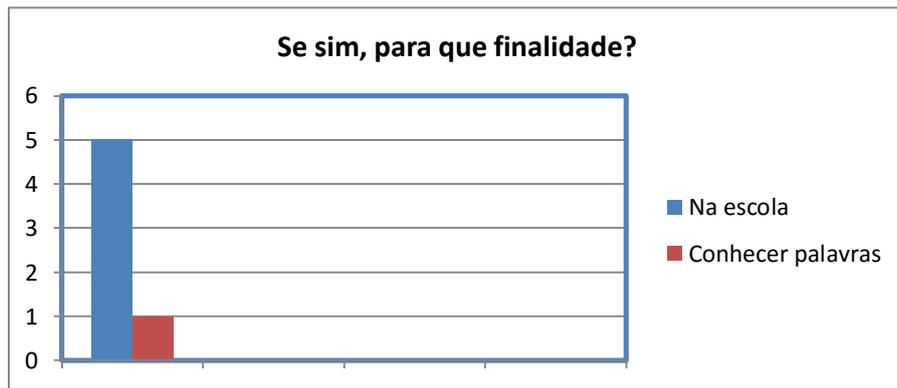


Gráfico 17: Se sim, para que finalidade?

Cinco alunos afirmam que utilizam na escola, podendo-se inferir que utilizam apenas quando algum professor solicita; somente um aluno disse que utiliza o dicionário para conhecer palavras. Os que não têm o hábito de utilizar o dicionário não justificaram suas respostas.

Pergunta 6 – Seus professores já recomendaram o uso de dicionário em sala de aula?

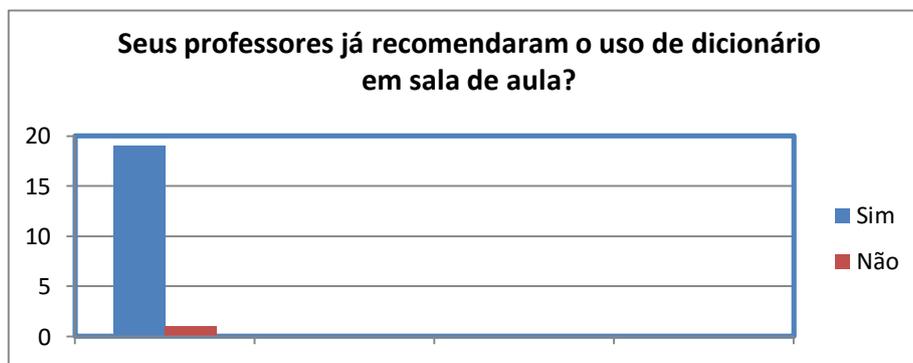


Gráfico 18: Seus professores já recomendaram o uso de dicionário em sala de aula?

Dezenove alunos informaram que já receberam recomendações para usar o dicionário em sala de aula e um admitiu que nunca recebera tal recomendação.

Pergunta 7 – Já teve alguma explicação em sala de aula de como usar o dicionário? Se sim, quais?

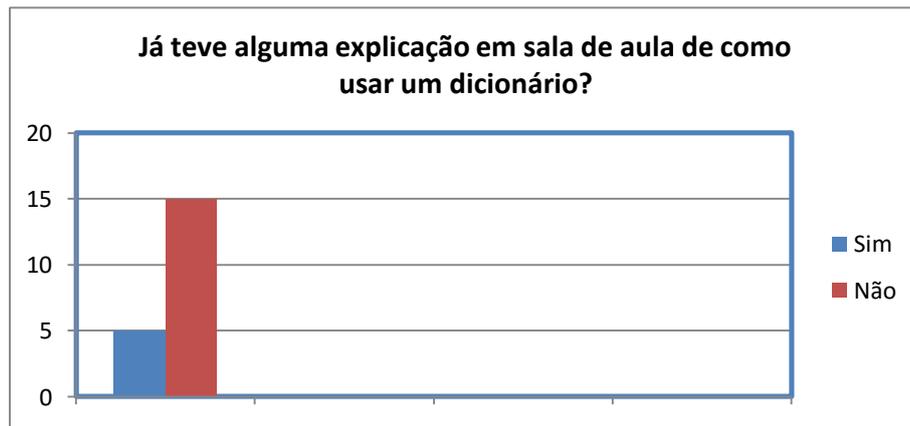


Gráfico 19: Já teve alguma explicação em sala de aula de como usar o dicionário?

Como revela o gráfico, dos vinte alunos, somente cinco dizem ter recebido instruções para o uso do dicionário em sala de aula, reafirmando, assim, que estudos realizados em torno do uso do dicionário em sala de aula são insuficientes se conduzidos de maneira equivocada; quanto a justificativas sobre que tipo de explicação recebeu, quatro responderam que foram orientados a como procurar palavras e um citou a ordem alfabética. Não especificaram a disciplina em que esta explicação aconteceu.

Pergunta 8 - Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?

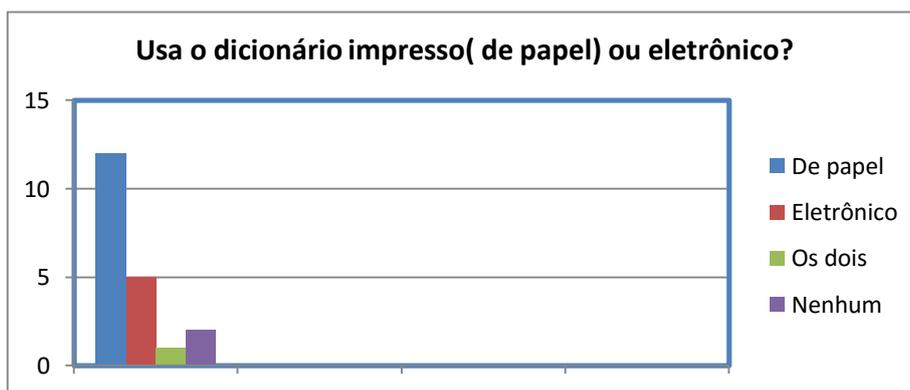


Gráfico 20: Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? Por quê?

Doze alunos afirmaram que utilizam o dicionário impresso, enquanto cinco alunos dizem usar o eletrônico, um aluno diz fazer uso de ambos os dicionários, e dois alunos disseram não usar nenhum dos dois.

Pergunta 9 – Quais suas críticas em relação aos dicionários? Cite problemas e dificuldades.

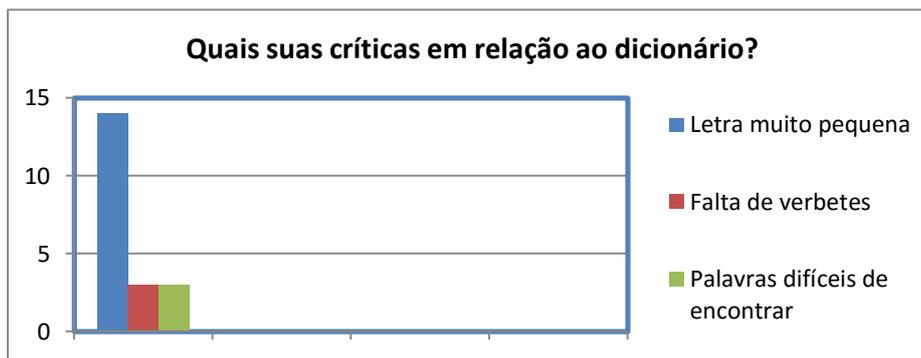


Gráfico 21: Quais suas críticas em relação aos dicionários? Cite problemas e dificuldades.

Como demonstra o gráfico acima, dos vinte alunos questionados, catorze fazem críticas ao tamanho da letra, os quais acham que deveriam ser maiores, quatro deles reclamam da dificuldade de se encontrar as palavras e três alunos acham que é preciso aumentar o número de verbetes. Aqui aparece mais um indício da falta de atenção ao ensino do léxico em sala de aula, pois como se sabe, devido à extensividade do léxico de uma língua, nem todas as palavras são dicionarizadas, e que para que isso ocorra uma série de eventos entram em jogo, tais como: público previsto, quantidade de informações estabelecidas pelo lexicógrafo, ideologia do autor etc. E que as letras de um dicionário padrão, por exemplo, não podem ser grandes por questões de economia de espaço.

Pergunta 10 - O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

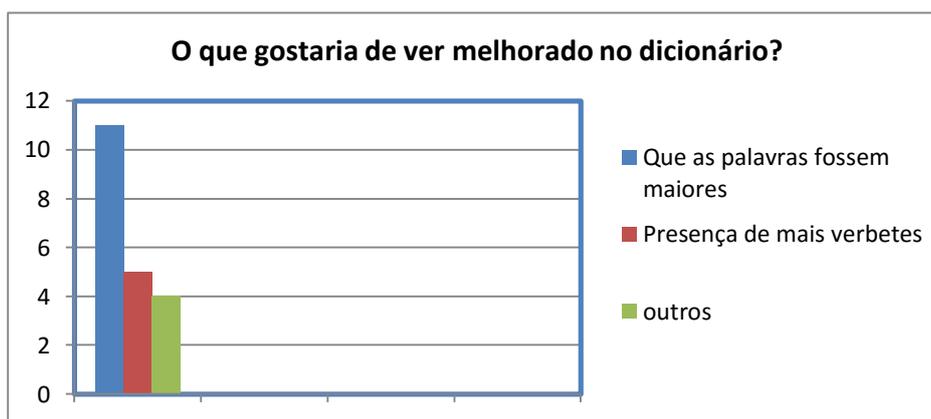


Gráfico 22: O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

De acordo com o gráfico, nota-se que a principal reivindicação dos alunos, que pedem aumento das letras dos dicionários, está atrelada à falta de conhecimento sobre essa obra lexicográfica; é mais um indício da falta de atenção

ao ensino do léxico em sala de aula. Cinco alunos insistem na inclusão de mais verbetes no corpo do dicionário, enquanto os demais não souberam responder.

Diante do exposto, nota-se que as respostas dos alunos evidenciam que, apesar de todos os alunos pesquisados já terem consultado o dicionário, grande parte não sabem manejá-lo corretamente na busca por informações nem muito menos possuem o hábito de utilizá-lo com frequência; quando o utilizam é para buscar alguma informação que se restringe ao significado primeiro ou para confirmar a ortografia de uma determinada palavra. Dessa forma, percebe-se que todo potencial do dicionário como ferramenta pedagógica deixa de ser explorado, confirmando assim a suposição de que o ensino do léxico por meio do dicionário em sala de aula é insuficiente e em muitas escolas praticamente inexistente.

Como se observou pela análise dos questionários, o dicionário, quando utilizado em sala de aula, é subutilizado tendo em vista que os alunos não recebem instruções de como manejar e explorar o potencial pedagógico dessa obra tão importante para o ensino/aprendizagem da língua materna. Desse modo, os alunos deixam de ter como aliado uma ferramenta de grande valor para o desenvolvimento das competências leitoras, escritoras e orais, pois, além de informações gramaticais e linguísticas, o dicionário oferece ainda a possibilidade de se comparar os diversos contextos de uso de uma palavra de acordo com seu eixo semântico. Assim sendo, a hipótese de que os dicionários são utilizados inadequadamente em ambiente escolar.

3 PROPOSTA PARA ENFRENTAR O PROBLEMA

Com o resultado da análise dos questionários, a hipótese da qual partiu este trabalho de subutilização do dicionário em sala de aula foi confirmada; por isso, propôs-se como método de intervenção instrumentalizar os alunos para o uso proficiente dessa obra lexicográfica por meio da elaboração de um glossário com base em letra de música com o auxílio do dicionário. Dessa maneira, puderam se familiarizar com a obra e tornarem-se mais competentes à busca por informações e enriquecimento de seus vocabulários, seja eles orais ou escritos. Além disso, a produção de verbetes para a construção do glossário pôde fazer com que o aluno percebesse que os caracteres semântico e pragmático das palavras extrapolam seu sentido literal e que o ajuste de significado do vocabulário sempre vai depender do contexto discursivo no qual ele está inserido. Dessa maneira, pretendeu-se desenvolver e ampliar a competência lexical dos alunos.

3.1 Descrição da Sequência de Atividades para Proficiência de Uso do Dicionário

Pretende-se aqui descrever a experiência vivenciada através de uma sequência de atividades, que tem como objetivo principal o desenvolvimento de etapas que favoreçam a compreensão do manejo e do uso proficiente do dicionário, para que o aluno possa tornar-se autônomo na busca por informações, que o auxiliem nas atividades de leitura, de escrita e oralidade.

Antunes (2012), Krieger (2012), Durão (2010) e Brasil (2012) apontam que o tratamento dado ao léxico em sala de aula é insuficiente, e o dicionário, quando utilizado nas aulas de língua materna, é subutilizado; em geral, seu uso se restringe à busca do significado e da ortografia, colocando assim todo potencial pedagógico dessa obra em segundo plano.

Dessa forma, os autores supracitados têm demonstrado também que há uma grande carência de atividades que explorem o ensino e o aprendizado do léxico no universo escolar. Sendo assim, para que se obtenha sucesso nesse processo é preciso que os dicionários estejam sempre à vista dos alunos nas salas de aula e que a importância, o manejo, e o uso adequado desse material devem ser ensinados ao aprendiz para que ele possa desvendar as mais variadas possibilidades de tomá-lo como apoio e auxílio durante a vida escolar.

Afinal, ninguém sequer se interessará por dicionários se não tiver alguns por perto nem souber para que servem, como se organizam e como podem ser usados. Por isso mesmo, o próprio dicionário e o seu uso – e não apenas as palavras que ele guarda e descreve – devem ser objeto de ensino e aprendizagem na escola (BRASIL, 2012, p. 44).

Nesse caminho, e com a intenção de amenizar essa lacuna existente entre o ensino léxico e a sala de aula, tomou-se como objeto de estudo uma sequência de atividades para o aluno explorar: os tipos de dicionários e seus diferentes públicos; a macroestrutura e as partes que a compõem, bem como a importâncias das informações contidas nas páginas iniciais e finais desse segmento; a microestrutura (o verbete) e toda especificidade, semelhanças e diferenças entre os diversos tipos de dicionário.

3.1.1 Procedimentos metodológicos para proficiência de uso do dicionário

A sequência de atividades foi realizada com 54 alunos de duas turmas do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública estadual, localizadas em Jacarezinho no estado do Paraná: Colégio Luiz Setti e Colégio Rui Barbosa. Dividiram-se as turmas em grupos de quatro ou cinco alunos. O tempo de realização da atividade se deu em quatro aulas de quarenta e cinco minutos para cada turma, e as dinâmicas assim se organizaram: levantamentos dos conhecimentos prévios dos alunos, introdução do tema a ser abordado; interação entre o grupo de alunos e professor, discussão e confronto entre as conclusões dos grupos e considerações do professor.

No primeiro momento, inicia-se com uma conversa informal, com objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos e prepará-los para a introdução da temática a ser desenvolvida. Algumas questões devem ser colocadas pelo professor: Quem aqui conhece um dicionário? Quais tipos de dicionários vocês conhecem? Para que serve um dicionário? O que vocês podem dizer sobre como e quando se usa um dicionário? Os dicionários são todos iguais? Alguém se lembra da última vez que usou um dicionário? Vocês possuem dicionário em casa?

A partir das respostas apresentadas pelos alunos, o professor faz um breve resgate da origem dos dicionários, fazendo uma explanação de sua evolução na história, ressaltando que o homem desde seus primórdios sentiu a necessidade de registrar as palavras por diversos motivos, e assim, aos poucos, esses registros

foram ficando cada vez mais organizados, até chegarem aos dicionários tais como o conhecemos hoje, e como o dicionário se tornou importante para a preservação das línguas e formação da identidade dos povos. E que nos dias atuais, além de estar ali registrado e guardado o léxico de uma língua, possui um imenso potencial para se aprender a língua devido às diversas informações sobre a palavra presentes nessa obra de referência: semânticas, gramaticais, históricas, etc.

Esse momento inicial é de grande importância, tanto para os alunos quanto para o professor. Os alunos podem reconhecer seus conhecimentos pessoais como parte de um contexto social, histórico e situado. O professor pode reconhecer no grupo os conhecimentos já construídos, como estão estabilizados, e que conflitos podem ser gerados a partir das atividades propostas.

No segundo momento apresentaram-se aos grupos os dicionários que fazem parte do PNLD, enviados às escolas públicas pelo MEC em 2012 (Tipos 1, 2, 3 e 4); Depois de manuseados e comparados pelos grupos, foi realizada ampla discussão a respeito das características dessas obras entre os grupos e o professor, tais como: principais diferenças e semelhanças; tipos de linguagens presentes em cada obra: formal, informal; quais os possíveis públicos/leitores de cada tipo? Por que vocês chegaram a essa conclusão? Para vocês qual a função das figuras e das letras coloridas nos verbetes e no corpo do trabalho?

Depois de esclarecidas estas questões parte-se para a apresentação da macroestrutura do dicionário; o professor deve deixar bem claro que a macroestrutura de um dicionário é dividida em três partes principais e que são de fundamental importância para um bom desempenho de busca pelas informações pretendidas sobre cada palavra. Seguem as etapas:

a) Nas páginas iniciais, o consulente vai encontrar a apresentação da obra, as listas e abreviaturas e instruções para o uso da obra. É na apresentação que estão as informações necessárias para a compreensão e o bom aproveitamento da proposta lexicográfica, os princípios de organização que oferecem ao leitor um roteiro seguro para que a informação seja buscada de forma rápida e precisa. Está presente também, nesta parte da obra, o destinatário previsto, ou seja, o público-alvo que se deseja atingir. Pode-se encontrar ainda nas páginas iniciais os métodos que foram utilizados para a escolha dos itens lexicais que compõem a nomenclatura e as listas de abreviaturas utilizadas no corpo da obra, que além de facilitarem o entendimento de certas informações contidas nos verbetes, ainda sevem como

economia de espaço para o suporte. O aluno pode e deve saber disso, para que possa se familiarizar e saber distinguir entre os tipos de dicionários para que obtenha sucesso em suas buscas.

b) O corpo do dicionário, também chamado de nomenclatura, é constituído por todas as palavras catalogadas. Essas palavras encontram-se dispostas em ordem alfabética, na forma de lema, seguidas das informações a elas relacionadas, formando esse conjunto (palavra-entrada mais informações) o verbete. O professor deve destacar que nem todas as palavras procuradas podem ser encontradas num dicionário, pois sua inclusão na obra de consulta vai depender de uma série de fatores: ideologia do dicionarista, extensão da obra, tipo de público, etc. E que também os substantivos e adjetivos vão aparecer no lema sempre no masculino e no singular e que os verbos sempre vão se apresentar no infinitivo.

c) Nas páginas finais que fecham a macroestrutura de um dicionário podem aparecer tabelas, mapas, bibliografias, etc. No entanto, nos dicionários escolares, geralmente estão presentes informações que visam a auxiliar o aluno no aprendizado do idioma, tais como: tabelas com modelos de conjugações de verbais, lista de numerais, de sufixos e afixos dentre outros. Podem-se encontrar também temas relacionados a outras disciplinas do currículo como informações históricas, tabelas periódicas, informações enciclopédicas etc.

No terceiro momento, o professor deve promover a leitura dos verbetes pelos grupos, escolhe-se um verbete de cada tipo de dicionário (Tipos 1, 2, 3 e 4). Primeiramente, o professor faz a leitura em voz alta de cada um dos tipos, em seguida, um aluno de cada grupo escolhe um verbete para ser lido, de modo que os quatro tipos de dicionários analisados sejam contemplados durante a leitura compartilhada.

Nesse momento, a intervenção do professor é crucial, após as leituras elege-se um verbete de cada tipo de dicionário para que possa destacar as chaves de leitura, os tipos de letra, as cores, as figuras, as abreviaturas, a numeração, a pontuação, os símbolos dentre outros. Explana-se, então, o papel de cada um desses elementos para a compreensão da leitura da microestrutura do dicionário, isto é, o gênero verbete. Feito isso, propõem-se alguns exercícios para reforçar as atividades apresentadas.

3.1.2 Exercícios propostos para o trabalho com a proficiência de uso do dicionário

Atividades

Objetivo tarefa 1: Professor, espera-se que com esta atividade o aluno possa desenvolver sua capacidade de manejo de uso do dicionário e que se familiarize e perceba que a lista alfabética em que se encontram as palavras é de fundamental importância para o sucesso na busca por informações sobre um determinado vocábulo.

1) Para cada lista, indique com um círculo qual a palavra que aparece primeiro no dicionário:

1	Gentil	generoso	gengibre
2	creme	cremar	cremoso
3	orca	orbitar	orçamento
4	dicionário	dicção	dica
5	alegre	alegria	Aleluia
6	ensino	ensinar	ensolarado
7	pecar	pecador	peça
8	lavoura	lavatório	lavrador
9	repreender	repreensão	represa
10	democracia	demitir	democrata

Expectativa de resposta: 1) generoso; 2) cremar; 3) orbitar; 4) dica; 5) alegre; 6) ensinar; 7) peça; 8) lavatório; 9) repreender; 10) demitir.

Objetivo tarefa 2: Professor, essa atividade pode fazer com que o aluno perceba os diversos sentidos que uma palavra pode assumir, e que o contexto discursivo da interação é que sempre vai determinar o sentido a ser ajustado durante o ato comunicativo.

2) Leia e responda:

Ao terminar o almoço com o pai, na presença de alguns convidados, disse enfaticamente o menino: - Papai estou cheio! O pai imediatamente corrigiu-o: - Diga satisfeito e não cheio. Pouco tempo depois, já na rua, ao ver um ônibus lotado, o menino voltou-se para o pai e disse: - Veja, pai, como aquele ônibus está satisfeito.

Fonte: <http://www.linguacomtexto.com/humor/humor.htm> Acesso em 14/09/2106.

a) A grande maioria das palavras geralmente apresenta mais de um sentido, que quase sempre é determinado pelo contexto de uso do vocábulo. Explique o com suas palavras por que o menino utilizou a palavra “satisfeito” para se referir ao ônibus na ultima linha do texto. Quais palavras ele poderia ter utilizado?

Expectativa de resposta: O aluno poderia substituir a palavra “satisfeito” por: cheio, lotado.

Objetivo tarefa 3: Professor essa questão tem como propósito primeiro, reforçar a fixação dos conteúdos propostos na aplicação das atividades para a proficiência de uso do dicionário, levando o aluno a distinguir as partes que formam a macroestrutura de um dicionário e ainda reforçar a ordenação alfabética das palavras na nomenclatura de um dicionário, o que pode levar o aluno a refletir de forma objetiva fazendo-o perceber a intenção da afirmação da personagem da charge.

3) Observe, leia e responda:



Figura 5: Charge.
Fonte: Marçal (2010)

a) Em que parte do dicionário a personagem encontrou a informação procurava? Nas partes iniciais, nas partes finais ou na nomenclatura?

Expectativa de resposta: A personagem encontrou a informação na parte do dicionário chamada nomenclatura.

b) Por que a personagem chegou a essa conclusão? Justifique sua resposta.

Expectativa de resposta: Porque pela ordem alfabética em que se encontram as palavras no dicionário galinha vem antes de ovo.

c) E para você o que surgiu primeiro? O ovo ou a galinha?

Expectativa de resposta: Resposta pessoal.

Objetivo tarefa 4: Professor com esta atividade o aluno pode perceber o jogo polissêmico das palavras, e tomar para si o conhecimento de um dos recursos lexicais mais importantes para a evolução da linguagem e desenvolvimento da língua, onde palavras já existentes podem receber novas significações, dentro dos grupos sociais, e tudo isso vai depender da frequência de uso desse vocábulo entre os falantes.

4) Procure as seguintes palavras no dicionário e encontre pelo menos dois sentidos diferentes para cada uma delas. a – banco, b – canto, c – pena, d – vela, e- vale, f - pasta, g – lima, h – peça.

a)Banco	Sentido 1 :	Sentido 2 :
b)Canto	Sentido 1 :	Sentido 2:
c)Pena	Sentido 1 :	Sentido 2 :
d)Vela	Sentido 1 :	Sentido 2 :

e)Vale	Sentido 1 :	Sentido 2 :
f)Pasta	Sentido 1 :	Sentido 2 :
g)Lima	Sentido 1 :	Sentido 2 :
h)Peça	Sentido 1 :	Sentido 2 :

Expectativa de resposta: a) **Banco:** Sentido 1 : Sociedade na qual se realizam transações financeiras, geralmente depósitos ou empréstimos mediante a cobrança de juros. Instituição financeira. Sentido 2 : Objeto que é usado para sentar; b) **Canto:** Sentido 1 : Emissão de sons, especialmente se forem harmoniosos ou rítmicos, por parte de um animal: o canto dos pássaros. Sentido 2: ângulo formado por duas paredes ou por duas superfícies; c) **Pena:** Sentido 1 : Em uma ave cada uma das peças que recobrem sua pele. Sentido 2 : Castigo imposto pelas autoridades a uma pessoa que cometeu um delito ou uma falta; d) **Vela:** Sentido 1 : Objeto geralmente de cera e atravessado por um cordão que, ao ser aceso, serve para iluminar. Sentido 2 : Peça de lona que, com a força do vento, serve para impulsionar uma embarcação; e) **Vale:** Sentido 1 : Depressão de terra situada entre montanhas. Sentido 2 :Adiantamento salarial. f) **Pasta:** Sentido 1 : Pasta para carregar documentos. Sentido 2 : Pasta para escovar os dentes; g) **Lima:** Sentido 1 : Fruto da limeira. Sentido 2 : Ferramenta geralmente de aço, com superfície estreada que serve para desgastar ou alisar metais ou outros materiais; h) **Peça:** Sentido 1 :Em um jogo de tabuleiro , cada uma de suas pedras ou figuras. Sentido 2 : Obra ou representação dramática.

Objetivo tarefa 5: Professor, essa atividade pode levar o aluno a reconhecer que existem palavras idênticas na escrita e na pronúncia, porém com significados diferentes, assim durante a leitura deve estar atento a essa possibilidade.

5) Homônimos perfeitos são as palavras que possuem a mesma grafia e o mesmo som. Sabendo disso, pesquise no dicionário o significado da palavra manga e responda:

a) Quantos significados você encontrou para a palavra manga? E quais são eles?

Expectativa de resposta: Três. 1. Em uma peça do vestuário, parte que cobre o braço total ou parcialmente. 2. Tubo longo feito com um material flexível e impermeável, que envolve e que protege algo. 3. Fruto da mangueira, comestível, aromático, de casca lisa e fina, e cuja polpa é laranja, fibrosa, suculenta e muito doce.

b) A palavra manga pode ser considerada um homônimo perfeito? Por quê?

Expectativa de resposta: Sim. Pois possuem a mesma grafia, o mesmo som e significados diferentes.

Objetivo tarefa 6: Professor aqui objetiva-se aproximar o aluno do dicionário como ferramenta de apoio para produção escrita, espera-se que por meio da pesquisa nessa obra ele possa enriquecer suas escolhas lexicais, tornando o texto bem construído.

6) Produção de texto

Imagine que você foi passar um final de semana no sítio de seu primo Joaquim e lá viveu muitas aventuras. Escreva uma narrativa contando à sua mãe essas aventuras. Nessa narrativa deve aparecer a palavra manga com pelo menos três sentidos diferentes. Não se esqueça de dar um título à narrativa e nem de consultar o dicionário.

Expectativa de resposta: Resposta pessoal

Objetivos tarefa 7: Professor o propósito desta questão é reforçar os conteúdos da aula de uso do dicionário, levando o aluno a reconhecer dentro de um verbete o item a ser definido e também levar o aluno a perceber que os números funcionam como uma cerca que delimita os diversos sentidos de uma única palavra e quanto mais números houver no corpo de um verbete, mais polissêmica essa palavra será, podem reconhecer ainda, que as letras que aparecem entre parênteses e itálico assim se apresentam para não se confundirem com a definição da palavra-entrada, e que essas letras são chamadas de abonação e indicam o contexto de uso que a definição, a ela precedida, pode ser usada. Espera-se que o aluno perceba que letras em cor diferente no corpo do verbete, funcionam como um sinalizador para o leitor, e que facilitam a busca pela informação desejada e que possa perceber que essa obra prima por economia de espaço, por isso é utilizada abreviaturas.

7) Leia o verbete e responda o que se pede:

dormir (dor.**mir**) vi 1. Estar entregue ao sono; repousar, descansar (Estava tão cansado que dormiu no sofá da sala.); 2. fig estar morto (E depois do acidente olhou ao redor, fechou os olhos e dormiu para sempre); vti 3. ter relações sexuais (Donata era fruto de uma única noite em que seu pai dormia com sua mãe antes de partir para a guerra.) V conjug cobrir. (Bechara, 2011, p. 57).

a) Qual o Lema ou Palavra-entrada do verbete acima?

Expectativa de resposta: A palavra-entrada é dormir.

b) Qual a função dos números no texto?

Expectativa de resposta: Funcionam como uma cerca para delimitar os possíveis sentidos da mesma palavra.

c) Qual a função dos parentes e das letras em itálico na construção de sentido do verbete?

Expectativa de resposta: Os parênteses servem para separar a definição da abonação e as letras em itálico para demonstrar o contexto de uso da palavra de acordo com seu sentido.

d) Em sua opinião por que foi utilizado a cor vermelha na palavra dormir?

Expectativa de resposta: Para chamar a atenção do leitor e facilitar a busca pela palavra desejada.

e) No corpo do verbete aparecem as seguintes abreviaturas: vi,fig, vti e V. Pesquise nas páginas iniciais do dicionário e escreva o que elas significam.

Expectativa de resposta: vi: Verbo intransitivo; fig: Figurativo; vti: Verbo transitivo indireto; V: Verbo.

Objetivo tarefa 8: Professor nessa comparação o aluno pode perceber que os verbetes podem diferir muito um do outro, e que isso vai depender de fatores diversos, tais como: Suporte, proposta lexicográfica, tipos de publico, etc.

8) Nos verbetes abaixo está presente o significado da palavra “dicionário” encontrado em dicionários distintos, o primeiro verbete foi retirado de um dicionário eletrônico e o segundo de um dicionário escolar. Leia-os e responda:

Dicionário :1 Coleção organizada, geralmente de forma alfabética, de um conjunto de palavras ou outras unidades lexicais de uma língua ou de qualquer ramo do saber humano, seguidas da sua significação, da sua tradução ou de outras informações sobre as unidades lexicais. **2** Coleção de palavras usadas habitualmente por uma pessoa, por um grupo social ou profissional, num domínio técnico, etc. **3** Conjunto de unidades lexicais identificadas, organizadas e codificadas. **4** dicionário vivo: pessoa erudita.

Fonte: <https://dicionariodoaurelio.com/dicionario> Acesso em 23/09/2016

dicionário (di.ci.o.ná.ri.o) **s.m.** Compilação em que se recolhem e se definem as palavra de um idioma, geralmente em ordem alfabética.[...] (RAMOS, 2011, p.269).

a) Quais as semelhanças e as diferenças entre eles?

Expectativa de resposta: No verbete do dicionário eletrônico a palavra vem amplamente definida, separadas em quatro acepções, não apresenta divisão silábica e nem abreviatura, já no dicionário impresso a palavra entrada é definida em

uma única acepção e está presente a divisão silábica e uma abreviatura (s.m.) Substantivo masculino.

3.1.3 A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica

O objetivo desta atividade é fazer com que o aluno perceba que o contexto de produção dos discursos leva em conta as diversas possibilidades de sentidos que as palavras já existentes podem assumir, e sua estreita relação com a situação comunicativa e os grupos sociais por onde circulam, demonstrando assim que o léxico de uma língua está em constante movimento e, é justamente por isso, pela polissemia das palavras, ou seja, pela sua multissignificação, que ele se expande e evolui, e é a partir desse processo que surgem novos vocábulos, ou vocábulos já existentes tomam outros sentidos. Para Krieger, “trabalhar com polissemia é, portanto, reconhecer e aproveitar as possibilidades de sentido relacionadas aos dois planos de significação das palavras: denotação e conotação” (2012, p. 64). Nesse sentido, o aluno deve ser informado que toda palavra tem ou pode ter sempre um significado a mais.

O professor deve deixar claro aos alunos que toda essa polissemia não é prerrogativa apenas do texto literário, mas que está imbricada nas interações diárias de todos os falantes e “[...] faz parte de nossa competência lexical habitual mais básica” (ANTUNES, 2012, p.157). Assim sendo, sugeriu-se esta atividade para que o aluno, por meio da leitura da canção “Minha Alma”, do grupo musical O Rappa, diga-se de passagem, altamente polissêmica, pudesse com o auxílio do dicionário, atribuir sentidos às palavras selecionadas no texto, levando em conta o contexto de produção da música, pois o “[...] contexto é que vai mostrar o sentido proposto” (KRIEGER, 2012, p.65). Para isso, evidentemente os grupos lançaram mão de sua proficiência de uso do dicionário, de seu conhecimento linguístico e de seu conhecimento de mundo.

Dessa forma, puderam então confrontar seus saberes com as informações contidas nos dicionários selecionados para a tarefa e, assim, dentro dos contornos semânticos da letra de música, atribuíram o sentido a cada palavra lexical de acordo com a acepção que mais se aproximasse do sentido proposto pela canção para que se construísse o glossário. Cabe destacar que, de acordo com Krieger, “no grupo

das palavras lexicais estão os substantivos, os adjetivos e os verbos” (2012, p.59) e, portanto, apenas essas classes gramaticais foram objeto de análise para a realização da atividade.

Dessa maneira, convém assinalar que a atividade aqui proposta e tantas outras que exijam o uso do dicionário devem sempre ser direcionadas às situações de ensino e aprendizagem da linguagem real a que se encontra em uso. Isso porque “[...] o uso adequado de dicionários tanto aumenta o grau de letramento quanto aprofunda o funcionamento social da escrita” (BRASIL, 2012, p.45). Por conseguinte, Krieger assevera que:

Sabemos que uma boa leitura e uma produção textual competente exigem muito mais. Sabemos também que a aquisição do léxico é um processo que não se encerra, pois se desenvolve ao longo da vida. Contudo é inegável que o conhecimento e manejo adequado do léxico em suas diferentes realizações é um fator estratégico para assegurar e ampliar a habilidade redacional das pessoas (KRIEGER, 2012, p. 63-4).

3.1.4 Procedimentos Metodológicos: Produção de verbetes

Como dito anteriormente, a sequência da atividade para a construção do verbete foi realizada com 54 de duas turmas do ensino fundamental de duas escolas da rede pública estadual, localizadas em Jacarezinho. As turmas foram divididas em grupos de quatro ou cinco alunos. Para realização da atividade, foram necessárias quatro aulas de quarenta e cinco minutos cada uma para cada turma.

No primeiro momento, contextualizou-se a proposta. O professor reorganizou os grupos, explanou os objetivos e definiu os destinatários previstos. Foi explicado ao público-alvo que atividade em questão, por fazer parte de uma pesquisa, teria como possíveis leitores os professores da rede pública de ensino do estado do Paraná, haja vista que o trabalho depois de concluído seria publicado numa página do portal “Dia a dia da Educação”, portal em que as pesquisas ficam armazenadas para serem lidas e exploradas pelos professores que a ele tem acesso, servindo assim, quando lhes convier, como sugestão de atividade a ser realizada em sala de aula com seus alunos.

No segundo momento, foram distribuídos textos para leitura entre os grupos, com informações pontuais a respeito do contexto de produção e circulação da letra e da música, bem como informações pertinentes sobre o estilo musical, biografia da

banda e do autor da letra. Foram levantadas discussões e troca de impressões entres os grupos e o professor.

No terceiro momento, foram distribuídas cópias com a letra da música e a folha em branco para a produção do glossário; realizou-se a leitura compartilhada entre todos os grupos e o professor da letra da música. Pela popularidade da canção e por ter tido uma boa aceitação entre os alunos, sugeriu-se que o grupo que se sentisse à vontade poderia cantá-la para a turma. Em seguida, ouviu-se a canção em um rádio mp3. Os dicionários foram distribuídos entre os grupos: os de Tipo 3 (direcionados à alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) e os de tipo 4 (direcionados ao ensino médio e profissionalizante). Foram utilizados dois tipos diferentes de dicionários para a realização da atividade, pois:

Comparar definições diferentes de uma mesma palavra permitirá, por exemplo, que o aluno: a) perceba as diferenças em jogo, com seus limites e possibilidades; b) identifique as obras adequadas ao seu grau de letramento atual; c) se familiarize com o gênero verbete; d) comece a compreender, por meio das definições mais simples e acessíveis, as mais complexas, formais e impessoais (BRASIL, 2012, p 40).

Isso feito seguiu-se para a análise da letra da música e foi solicitado aos grupos que destacassem todos os verbos, substantivos e adjetivos presentes no texto. Relembrou-se que os verbos sempre vão aparecer na nomenclatura do dicionário de língua na forma de infinitivo (apontada/apontar); os substantivos e os adjetivos sempre que for possível no masculino, sem flexão de gênero número ou grau (amada/amado). Os alunos foram informados também que, nos verbetes do glossário que iriam construir, mantivessem o mesmo padrão do dicionário para a palavra-entrada da nomenclatura. Foram realizadas as produções dos glossários e recolhidas pelo professor.

No quarto momento, finalizou-se a atividade; as produções recolhidas e compiladas anteriormente foram redistribuídas entre os grupos para que fossem reescritos e ajustados os verbetes para se chegar à produção final, ou seja, um único glossário produzido por cada turma.

3.1.5 Glossário construído pelos alunos do 8º e 9º ano

Como dito anteriormente, a escolha da letra da música se deu pelo fato de se aproximar do gosto musical dos alunos e estar ligada a um gênero que faz parte do cotidiano da grande maioria do público-alvo, além de a música ser um artifício muito positivo para atrair o olhar do jovem para o dicionário, o que pode criar a possibilidade de o aluno, por meio do contato com essa ferramenta, percebê-la como material de apoio em seus estudos e dessa forma descobrir as grandes lições sobre a língua que o dicionário pode lhes revelar.

3.1.5.1 Glossário construído pelos alunos do 8º ano.

Objetivo dessa atividade: Professor o objetivo desta atividade é fazer com que o aluno perceba o contexto de produção dos discursos levando em conta as diversas possibilidades de sentidos que as palavras já existentes podem assumir, e sua estreita relação com contexto da situação comunicativa dos grupos sociais por onde circulam os falantes.

1) A partir da leitura da letra de música “Minha Alma” do Grupo *O Rappa* e da pesquisa feita nos dicionários Tipos 3 e 4 distribuídos pelo professor, monte um glossário focando apenas os adjetivos, substantivos e verbos, relacionando seus conceitos à construção de sentidos da canção quando possível. Lembre-se de dar apenas uma definição para cada palavra. Procure dentre as acepções do verbete do dicionário pesquisado o sentido que mais se aproxime dos contornos semânticos da música analisada. Se, contudo, não encontrar, use sua própria definição.

Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)

O Rappa

a minha **alma** está **armada**
 e **apontada** para a **cara**
 do **sossego** (sego)
 pois **paz** sem **voz**
 não é paz é **medo** (medo)
 às vezes eu **falo** com a **vida**
 às vezes é ela quem **diz**
 qual a **paz** que eu não **quero**
conservar
 para **tentar ser feliz**
 as **grades** do **condomínio**
são para **trazer proteção**
 mas também **trazem** a **dúvida**
 se não é você que **está** nessa **prisão**
 me **abraçe** e me **dê** um **beijo**

faça um filho comigo
 mas não me **deixe sentar**
 na **poltrona** no **dia** de **domingo**
procurando novas drogas
 de **aluguel** nesse **vídeo**
coagido pela **paz**
 que eu não **quero**
seguir admitindo
 Fonte: YUKA (2010)

GLOSSÁRIO

Abrçar: Assumir ou aderir uma tarefa ou uma doutrina.

Admitir: Aceitar a hipótese.

Alma: Espírito.

Aluguel: Uso de bens alheios mediante pagamentos. Esse aluguel é de propaganda.

Apontar: Assinalar ou indicar.

Armar: Preparar. A arma está preparada para atirar.

Beijo: Ato de tocar com os lábios em alguém ou algo, tomar parte da causa.

Cara: Pessoa ou face.

Coagir: Obrigar alguém a fazer alguma coisa.

Condomínio: Conjunto residencial geralmente cercado, com acesso controlado.

Conservar: Manter-se em bom estado ou no estado anterior.

Dar: Entregar.

Deixar: Largar, soltar.

Dia: O período de tempo que transcorre entre o nascer do sol e o momento em que este se põe.

Dizer: Apresentar algo por meio de palavras.

Domingo: Dia que inicia a semana.

Droga: Coisa de má qualidade.

Dúvida: Incerteza

Estar: Achar-se.

Falar: Expor pensamentos.

Feliz: Contente, alegre.

Filho: Descendente.

Grade: Armação de barras de metal

Medo: Condição

Novo: Notícias recentes.

Paz: Calma.

Poltrona: Grande cadeira.

Prisão: Captura ou aprisionamento.

Procurar: Esforçar-se para achar.

Proteção: Defesa.

Querer: Ter intenção.

Seguir: Agir ou estar em consonância.

Sentar: assento.

Ser: Apresentar certos traços.

Sossego: Tranquilidade.

Tentar: Esforçar.

Trazer: Trazer alguma coisa.

Vida: Existência do ser humano.

Vida: Ânimo, força.

Vídeo: Técnica de reprodução de imagens em movimento.

Voz: Som que se produz nos seres humanos e em muitos mamíferos.

Expectativa de resposta:

GLOSSÁRIO

Abraçar: Dedicar-se a (causa, crença, ideal, profissão).

Admitir: Aceitar como fato; reconhecer.

Alma: Conjunto de faculdades psíquicas, intelectuais e morais que caracterizam e personificam um ser humano; caráter; personalidade; psique.

Aluguel: Ação ou resultado de tomar tempo de alguém.

Apontar: Direcionar para um ponto ou alvo; assestar.

Armar: Munir (algo ou alguém, inclusive a si mesmo) de arma (s).

Cara: Aparência, aspecto de algo.

Coagido: Obrigar alguém a fazer alguma coisa; coatar; constranger; forçar.

Condomínio: Conjunto de unidades habitacionais que ocupam um mesmo espaço delimitado.

Conservar: Manter no modo que antes se encontrava.

Dar: Aplicar (beijo, pancada, surra, etc.).

Deixar: Dar ocasião a; tornar possível; permitir; possibilitar.

Dia: Momento propício; ocasião.

Dizer: Dar conselho (orientação a alguém) aconselhar; orientar.

Domingo: Dia que inicia a semana, dia de descanso.

Droga: Coisa ruim, de má qualidade, de pouco valor.

Dúvida: Incerteza, ceticismo ou descrença.

Estar: Encontrar-se em certo estado, condição ou situação no tempo ou espaço.

Falar: Expressar-se por meio de palavras.

Feliz: Em que há felicidade, alegria.

Filho: Indivíduo do sexo masculino em relação a seus pais; rebento.

Grade: Armação de barras de metal ou de madeiras para fechar, proteger, resguardar um lugar.

Medo: Atitude covarde.

Novo: Que até então não tinha sido cogitado.

Paz: Harmonia; conciliação; calma.

Poltrona: Grande cadeira, geralmente estofada.

Prisão: Condição ou estado de prisioneiro.

Procurar: Tentar encontrar o que se acha perdido.

Proteção: Ação ou resultado de proteger-se.

Querer: Ter vontade de; ter intenção de; desejar; aspirar.

Seguir: Deixar-se levar por, corresponder a uma orientação.

Sentar: Fazer tomar ou tomar assento.

Ser: Estar, achar-se em certo lugar, certa situação, certo momento.

Sossego: Estado de repouso ou sensação de tranquilidade.

Tentar: Empenhar-se para fazer ou conseguir algo.

Trazer: Dar, oferecer.

Vida: Conjunto dos meios necessários à sobrevivência.

Vídeo: Parte de um aparelho, como a televisão, na qual se reproduzem imagens em movimento.

Voz: Direito de falar, de participar.

Obs.: Professor, quanto se trata de atividades relacionadas ao uso do dicionário, é comum que as respostas se divirjam, até porque o léxico é altamente polissêmico, e os dicionários a depender de suas propostas lexicográficas podem variar muito de

uma obra para outra. Além do que, cada aluno possui seu próprio conhecimento linguístico e de mundo o que pode refletir diretamente em suas atividades.

3.1.5.2 Glossário construído pelos alunos do 9º ano.

Objetivo dessa atividade: Professor o objetivo desta atividade é fazer com que o aluno perceba o contexto de produção dos discursos levando em conta as diversas possibilidades de sentidos que as palavras já existentes podem assumir, e sua estreita relação com contexto da situação comunicativa dos grupos sociais por onde circulam os falantes.

1) A partir da leitura da letra de música “Minha Alma” do Grupo *O Rappa* e da pesquisa feita nos dicionários Tipo 3 e 4 distribuídos pelo professor, monte um glossário focando apenas os adjetivos, substantivos e verbos, relacionando seus conceitos à construção de sentidos da canção quando possível. Lembre-se de dar apenas uma definição para cada palavra. Procure dentre as acepções do verbete do dicionário pesquisado o sentido que mais se aproxime dos contornos semânticos da música analisada; se, contudo não encontrar, use sua própria definição.

Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero) *O Rappa*

a minha **alma** está **armada**
e **apontada** para a **cara**
do **sossego** (sego)
pois **paz** sem **voz**
não é paz é **medo** (medo)
às vezes eu **falo** com a **vida**
às vezes é ela quem **diz**
qual a **paz** que eu não **quero**
conservar
para **tentar ser feliz**
as **grades** do **condomínio**
são para **trazer proteção**
mas também **trazem** a **dúvida**
se não é você que **está** nessa **prisão**
me **abraçe** e me **dê** um **beijo**
faça um **filho** comigo
mas não me **deixe sentar**
na **poltrona** no **dia** de **domingo**
procurando novas drogas
de **aluguel** nesse **vídeo**
coagido pela **paz**
que eu não **quero**
seguir admitindo
Fonte: YUKA (2010)

GLOSSÁRIO

Abraçar: Apertar ou rodear com os braços no contexto da canção significa: tomar parte da causa.

Admitir: Aceitar; concordar, não seguir concordando.

Alma: Caráter, índole. A alma (caráter) está apontando para o sossego (paz) destacado em outras partes da música.

Aluguel: Sessão do uso de prioridade ou prestações de serviços por tempo e por preço determinado. Malefícios que a televisão causa nas pessoas.

Apontar: Direcionar, no contexto da canção significa que a alma de está direcionando para a cara das pessoas que estão conformadas com o que está acontecendo (paz).

Armar: Preparar para enfrentar adversidade ou adversário.

Cara: Parte da frente da cabeça, onde se encontram olhos, boca, nariz, etc. Arma está apontada para a cara dos conformistas.

Coagido: Forçar. No contexto da canção significa obrigado a aceitar a atual situação no país e no mundo.

Condomínio: Propriedade, no contexto da canção significa condomínio de casas aonde pessoas se prendem e acreditam em tudo que a TV diz.

Conservar: Guardar. No contexto da canção significa que ele não quer seguir/ guardar a paz atual.

Dar: Ceder, transferir, doar.

Deixar: Largar, soltar. No contexto da canção largar algo.

Dia: O período de tempo que transcorre entre o nascer do sol e o momento em que este se põe.

Dizer: Apresentar algo por meio de palavras.

Domingo: Dia que inicia a semana, dia de ficar em casa relaxando.

Drogas: Coisa de pouco valor, insignificante ou de má qualidade.

Dúvidas: Ausência de clareza ou certeza sobre fatos. No contexto da canção significa incerteza.

Estar: Encontrar-se em certo estado, condição ou situação no tempo ou espaço.

Falar: Pronunciar ou dizer palavras.

Feliz: Contente, alegre.

Filho: Indivíduo do sexo masculino em relação a seus pais.

Grades: Armação de barras de metal ou de madeiras para fechar, proteger, resguardar um lugar.

Medo: Ansiedade diante de uma situação desagradável, possibilidade de fracasso.

Novas: Notícias recentes.

Paz: Ausência de guerra ou de conflito, tranquilidade, sossego.

Poltrona: Grande cadeira, geralmente estofada.

Prisão: Ato de prender, recinto fechado.

Procurar: Esforçar-se para achar, tentar encontrar, buscar.

Proteção: Acolher, proteger alguém.

Querer: Desejar.

Seguir: Agir ou estar em consonância com; atender; obedecer; seguir preceitos; seguir costumes.

Sentar: Tomar assento.

Ser: Ter ou estar em certa condição ou situação, permanente ou temporária.

Ser: Apresentar-se em um estado de condição ou qualidade.

Sossego: Paz, descanso, tranquilidade.

Tentar: Esforçar para conseguir alguma coisa.

Trazer: Trazer alguma coisa; dúvida.

Vida: Existência dos seres.

Vídeo: Imagens, acontecimentos.

Voz: Som que se produz nos seres humanos e em muitos mamíferos.

Expectativa de resposta:

GLOSSÁRIO

Abraçar: Dedicar-se a (causa, crença, ideal, profissão).

Admitir: Aceitar como fato; reconhecer.

Alma: Conjunto de faculdades psíquicas, intelectuais e morais que caracterizam e personificam um ser humano; caráter; personalidade; psique.

Aluguel: Ação ou resultado de tomar tempo de alguém.

Apontar: Direcionar para um ponto ou alvo; assestar.

Armar: Munir (algo ou alguém, inclusive a si mesmo) de arma (s).

Cara: Aparência, aspecto de algo.

Coagido: Obrigar alguém a fazer alguma coisa; coatar; constranger; forçar.

Condomínio: Conjunto de unidades habitacionais que ocupam um mesmo espaço delimitado.

Conservar: Manter no modo que antes se encontrava.

Dar: Aplicar (beijo, pancada, surra, etc.).

Deixar: Dar ocasião a; tornar possível; permitir; possibilitar.

Dia: Momento propício; ocasião.

Dizer: Dar conselho (orientação a alguém) aconselhar; orientar.

Domingo: Dia que inicia a semana, dia de descanso.

Droga: Coisa ruim, de má qualidade, de pouco valor.

Dúvida: Incerteza, ceticismo ou descrença.

Estar: Encontrar-se em certo estado, condição ou situação no tempo ou espaço.

Falar: Expressar-se por meio de palavras.

Feliz: Em que há felicidade, alegria.

Filho: Indivíduo do sexo masculino em relação a seus pais; rebento.

Grade: Armação de barras de metal ou de madeiras para fechar, proteger, resguardar um lugar.

Medo: Atitude covarde.

Novo: Que até então não tinha sido cogitado.

Paz: Harmonia; conciliação; calma.

Poltrona: Grande cadeira, geralmente estofada.

Prisão: Condição ou estado de prisioneiro.

Procurar: Tentar encontrar o que se acha perdido.

Proteção: Ação ou resultado de proteger-se.

Querer: Ter vontade de; ter intenção de; desejar; aspirar.

Seguir: Deixar-se levar por, corresponder a uma orientação.

Sentar: Fazer tomar ou tomar assento.

Ser: Estar, achar-se em certo lugar, certa situação, certo momento.

Sossego: Estado de repouso ou sensação de tranquilidade.

Tentar: Empenhar-se para fazer ou conseguir algo.

Trazer: Dar, oferecer.

Vida: Conjunto dos meios necessários à sobrevivência.

Vídeo: Parte de um aparelho, como a televisão, na qual se reproduzem imagens em movimento.

Voz: Direito de falar, de participar.

3.1.6 Análise e discussão dos resultados: aula de proficiência de uso do dicionário e aula para a construção do glossário

Na atividade de proficiência de uso do dicionário, de início houve certa dificuldade entre alguns dos grupos em distinguir os propósitos de tantos dicionários diferentes; os grupos pensavam que as obras deveriam ser todas iguais e que contivessem todas as palavras que procurassem. Contudo foram reorientados pelo professor, que asseverou que cada obra é destinada a um público distinto de acordo com o nível/série do consulente, e que nem todas as palavras de uma língua podem ser encontradas em única obra lexicográfica, por mais extensa que ela seja, pois o léxico sofre mudanças constantes e repentinas.

Outra dificuldade percebida foi a dificuldade pela busca das palavras selecionadas para a leitura dos verbetes, o que demonstrou a falta de habilidade no manejo do dicionário e, muitas vezes, até no domínio do entendimento do que é “ordem alfabética”. As demais atividades desta sequência de atividades transcorreram normalmente, exceto os exercícios propostos para a fixação do conteúdo apresentado, que exigiu maior mediação do professor.

As atividades cumpriram seu propósito, pois de certa forma percebeu-se uma evolução no trato com o dicionário, pois, ao final da sequência, os alunos já manejavam, comparavam e buscavam por informações com mais segurança e precisão.

Já na sequência de atividades aplicadas para a construção do glossário, percebeu-se um maior envolvimento dos alunos pelas aulas, uma vez que a música e a biografia do autor e do grupo musical despertaram um interesse maior pela maioria dos grupos, tanto do 8º ano como do 9º ano.

Já familiarizados com o manejo e o uso do dicionário e com a função das chaves de leitura de um verbete, não tiveram grandes dificuldades para a produção da atividade final. No entanto, com relação aos glossários construídos pelo 8º ano e pelo 9º, evidenciam-se certas divergências na conceituação das palavras selecionadas para a construção dos verbetes; isso se deve ao fato dos conhecimentos prévios, linguísticos, de mundo, lexicais terem influenciado na

escolha da acepção que mais se aproximasse dos contornos semânticos da música analisada.

A partir da análise dos dados e diante dos resultados obtidos, observou-se que os alunos apresentavam algumas dificuldades no trato com o dicionário, provenientes, provavelmente, da escassez de seu uso em sala de aula, o que confirma a necessidade do professor ampliar o conjunto de situações que abordem o ensino do léxico em sala de aula. Só assim essa lacuna existente entre a lexicografia e o ensino da língua materna pode ser preenchida, fazendo com que o léxico assuma seu papel de grande componente da língua portuguesa e que articulado a outros processos de ensino possa contribuir para o sucesso dos alunos quanto ao desenvolvimento e ao domínio progressivo da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que, por meio do léxico e a partir da necessidade de registrá-lo em palavras escritas desde tempos remotos, o homem tem salvaguardado às sucessivas gerações o sentimento de pertença a determinado grupo social, atualizando idiomas, acumulando conhecimentos e contribuindo de maneira decisiva para o avanço tecnológico das civilizações.

O léxico e suas ciências (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) têm contribuído de forma decisiva para o avanço desse processo, pois, ao direcionarem seus estudos à investigação e compilação das palavras em dicionários, sistematizam tanto o léxico comum como o especializado, no caso da terminologia, e lança luz sobre novas possibilidades de se abordar o ensino da língua materna em sala de aula.

Desse modo, o dicionário de língua pode ser um caminho profícuo para se ensinar e se aprender a língua portuguesa, haja vista que ali estão registradas informações importantes sobre as palavras utilizadas pelas comunidades linguísticas em suas interações cotidianas.

No caso desta pesquisa, apesar de terem sido tecidas breves considerações sobre a lexicologia e a terminologia, o foco principal desse trabalho foi a lexicografia, mais especificamente a lexicografia pedagógica ou didática, a qual tem sido vista como um novo ramo da lexicografia e que tem como um de seus fundamentos básicos adequar as obras lexicográficas aos níveis de ensino aprendizagem.

No decorrer desse trabalho foram levantados alguns questionamentos que, de certa maneira, orientaram esta pesquisa. Em resposta a essas questões e de acordo com os estudos aqui explorados, pôde-se perceber que, apesar dos avanços da lexicografia e da lexicografia pedagógica, o potencial do dicionário como ferramenta de ensino/aprendizagem, ainda é pouco no âmbito escolar, fato este, comprovado pela análise dos dados presentes nos questionários respondidos pelos alunos e nas intervenções aplicadas em sala de aula.

Sendo assim, notou-se que os alunos não utilizam o dicionário para interagir com os textos que circulam na esfera escolar por não receber as devidas instruções de manejo e uso adequado do dicionário para tais fins, o que pode acarretar na perda de uma grande oportunidade de ampliação do vocabulário desses alunos, e ainda, pode interferir de forma negativa quando se fala em desenvolvimento da

competência lexical, e essa interferência se reflete diretamente na compreensão, interpretação e produção de textos.

Dessa forma, verificou-se que o aluno ao construir verbetes pode aumentar a proficiência no trato com dicionário para desenvolver suas competências lexicais e ampliar suas habilidades nas atividades de leitura e escrita, confrontando seus conhecimentos linguísticos com as informações dos dicionários pode adequá-las aos limites dos textos construídos e utilizados por ele em suas relações sociais cotidianas.

Depois de instrumentalizar os alunos na proficiência de uso do dicionário, evidenciou-se certa evolução no manejo e na busca por informações que dessem conta da produção do glossário, comprovando assim a importância dessa obra lexicográfica como ferramenta pedagógica, que, quando articulada a outras propostas que dão conta do ensino da língua portuguesa, pode contribuir de modo significativo no decorrer da vida estudantil do aluno como material de apoio para a ampliação e desenvolvimento progressivo da leitura, da escrita e da oralidade; aliado a tudo isso, essa ferramenta ainda pode expandir seu universo lexical, para que assim, ele possa interagir de forma mais rica em suas interações comunicativas dentro ou fora da escola.

Os resultados aqui obtidos não devem ser generalizados, mais sim sugerir algumas reflexões que possam suscitar novas investigações a respeito do estudo do léxico e do uso do dicionário como ferramenta de ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.

_____. **Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In.: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001a, p. 13-22.

_____. Terminologia e Lexicografia. **TradTerm**, 7, 2001b, p. 153-181. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>. Acesso em: 20 jul 2016.

_____. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BOLZAN, Rosane Maria; DURÃO, Ada Balbino de Amorim Barbieri. **O trabalho com dicionários em sala de aula**: relato de uma contribuição para a formação docente em lexicografia. Revista MOARA, n.36, p.181-196, jul.-dez, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/1110/1555>. Acesso: 10 nov. 2015.

BORBA, Francisco S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo; Ed. UNESP, 2003.

_____. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula (PNLD 2012). Egon Rangel (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

CARVALHO, Carmen Silvia. **Meu primeiro livro de palavras**: um dicionário ilustrado do português de A a Z. 3 ed. São Paulo: Ática, 2011.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (org.). **Vendo o dicionário com outros olhos**. Londrina: UEL, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008.

_____. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.

_____. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2013.

GEIGER, Paulo (org.) **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

_____. (org.). **Caldas Aulete**: *Dicionário escolar da língua portuguesa*: ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011.

_____. (org.). **Meu primeiro dicionário Caldas Aulete**: com a Turma do Cocoricó. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011.

_____. (org.). **Caldas Aulete**: Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GUERRA, Míriam Martinez; ANDRADE, Karylleila de Santos. **O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas**. Revista Eletrônica de Linguística, [S.l.], v. 6, nº. 1, 1º Semestre 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 24 nov. 2015.

HOUAISS, Antônio (org.); VILLAR, Mauro de Salles (ed. resp.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio** - vol. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez 2006. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>. Acesso em: 29/09/2016.

_____. O Dicionário de Língua como Potencial Instrumento Didático. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.) **As ciências do léxico**:

lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 295-309.

_____. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

_____. **Maria Tereza Biderman: A Lexicografia Refletida e Praticada** - Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia *Cadernos Do CNLF* VOL. XVIII Nº 02 – Lexicografia, Lexicologia, Semântica e Terminologia. Rio De Janeiro: CIEFIL, 2014a. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/018.pdf> Acesso em 02 ago 2016.

_____. **Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia.** Confluência: revista do instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro, n. 46 – 1.º semestre de 2014b, p. 323-334. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/edpdf/46.pdf>. Acesso em: 29 ago 2016.

LEFFA, Vilson J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de tradução.** Florianópolis, nº18, p 319-340, 2006.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: Lista, rede ou cognição social? , in: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J. ; OLIVEIRA, R. P. (org.). **Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari.** São Paulo: Contexto, 2004.

MARÇAL, Rafael. **Uma dúvida quase eterna.** 2010. Disponível em:< <http://profeticos.net/tag/dicionario/>> Acesso em: 06 set. 2016.

MARQUES, Samuel, **Minha alma.** 2016. Disponível em:< <http://samuelmarquesbm.blogspot.com.br/2011/10/musicas-que-nos-fazem-pensar-minha-alma.htm>> Acesso em: 20 set. 2016.

MIRANDA, Félix B. **Balances e perspectivas da lexicografia.** Cadernos de tradução. Florianópolis, nº 32, p. 15-37, 2013. Disponível em :<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2013v2n32p15/25491> acesso em 09/09/2016.

MORAES, Adriana Cardoso de. **A utilização de dicionários de língua portuguesa em salas de aula do ensino fundamental.** 2007. 107 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2007.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Modelos de Verbetes em Dicionários Clássicos de Língua Portuguesa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 235-245.

OLIVEIRA, A. M., ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

O RAPPA, **Biografia**. Disponível em:<
<https://www.facebook.com/events/519880228154910/>> Acesso em: 20 set. 2016.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Paraná, 2008.

PONTES, A. L. Dicionário e leitura. In: **Formação continuada de professores da rede pública –2ª fase –Português**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 2000, p. 54-64.

RAMOS, Rogério de Araújo (ed. resp.). **Dicionário didático de língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: SM, 2011.

RANGEL, E. de O; BAGNO, M. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida; OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. **Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado**. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. **Saraiva Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, Fernando Moreno da. Fundamentos de lexicografia. In: BRITO, Luciana; BROCHADO, Sônia Maria Dechandt; GABRIEL, Fábio Antônio (Org.). **Pesquisas em linguagem**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 209-220.

WELKER, Herbert A. **Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Sobre o uso de dicionários. In: **CELSUL 2008** (8º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 2008, Porto Alegre. Anais do 8º Encontro do CELSUL, 2008, p.1-17.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Lexicologia, Lexicografia e Filologia: intersecções e especificidades epistemológicas**. Anais do SILEL. V. 2, nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em:
 <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel20111001.pdf>>
 Acesso em: 20 jan. 2016.

YUKA, Marcelo, **A minha alma**. (a paz que eu não quero) Intérpretes: O Rappa. CD Lado A, Lado B. Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/o-rappa/minha-alma-a-paz-que-eu-nao-quer.html>> Acesso em: 10 set. 2016

YUKA, Marcelo, **Biografia**. 2016. Disponível em:<
<http://marceloyuka.com.br/biografia>> Acesso em: 20 set. 2016.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. A que série você pertence? _____

Idade: _____

2. Você já consultou um dicionário? () Sim () Não

3. Quais tipos de dicionários você conhece?

4. Você possui dicionário em casa? () Sim () Não

Se sim, quais?

5. Você tem o hábito de usar dicionário? () Sim () Não

Se sim, para qual finalidade?

Caso não use, por quê?

6. Seus professores já recomendaram o uso de dicionário em sala de aula?

() Sim () Não

7. Já teve alguma explicação em aula de como usar um dicionário?

() Sim () Não

Se sim, quais?

8. Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico?

Por quê? _____

9. Quais suas críticas em relação aos dicionários? (cite problemas e dificuldades)?

10. O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

ANEXO B - TERMO ASSINADO PELOS DIRETORES.

Jacarezinho, 03 de Novembro de 2015.

Prezado diretor (a) _____

Solicito a autorização para realizar a coleta de dados referente ao meu projeto de pesquisa intitulado “A construção de vocabulário com base em letras de música”, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (campus Cornélio Procópio), sob orientação do Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva. A coleta de dados será realizada no primeiro semestre de 2015, após assinatura dos termos de assentimento pelos alunos e dos termos de consentimento pelos pais dos alunos. O objetivo desta pesquisa é: (i) mostrar a importância do uso do dicionário como instrumento de aprendizagem; (ii) estimular o uso do dicionário; (iii) levar os alunos a refletir sobre a estrutura e funcionamento da linguagem. Trata-se de uma proposta de caráter interventivo, que será realizada no Colégio Estadual Rui Barbosa (Avenida Manoel Ribas, 500 - Centro), no município de Jacarezinho-PR. Esclareço meu compromisso no manuseio das informações, anonimato dos sujeitos de pesquisa e observância de todos os preceitos éticos na condução de pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução CNS 196/96 e suas complementares.

Atenciosamente,

Prof. Rogério Aparecido Duarte
Pesquisador

Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva
Docente do PROFLETRAS (UENP-CCP)
Orientador do projeto

De acordo _____

Assinatura do Diretor (a).

ANEXO C - TERMO DE ASSENTIMENTO

(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada **“A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica”**, desenvolvida pelo professor Rogério Aparecido Duarte no município de Jacarezinho, Paraná. Nessa pesquisa, pretendemos estimular o uso do dicionário como instrumento de aprendizagem da língua. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados desse trabalho estarão à sua disposição quando finalizado. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu,

_____, portador (a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jacarezinho, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) responsável do menor

Assinatura do professor (a)

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES

Pesquisadores responsáveis: Rogério Aparecido Duarte – Fernando Moreno da Silva

Este é um convite especial para seu filho participar voluntariamente da pesquisa “A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte diretamente ao pesquisador ou entre em contato por meio dos telefones (43) 35271785 ou e-mail rogerioprof70@gmail.com

OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO

(i) mostrar a importância do uso do dicionário como instrumento de aprendizagem; (ii) estimular o uso do dicionário; (iii) levar os alunos a refletir sobre a estrutura e funcionamento da linguagem.

PROCEDIMENTOS

Primeiro professores e alunos responderão a um questionário sobre o uso do dicionário. Em seguida, serão propostas atividades que usam o dicionário em sala de aula. OBS: Nos questionários não há identificação do nome do seu filho.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são isentos de custos.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A participação de seu filho neste estudo é **voluntária** e ele terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo para ele.

GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob-hipótese alguma.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Você e seu filho podem fazer todas as perguntas que julgarem necessárias durante e após o estudo.

Diante do exposto acima

eu, _____ declaro

que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Autorizo a participação livre e espontânea de meu filho

(a) _____ para o estudo em questão. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Jacarezinho, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do responsável, RG.

Assinatura do pesquisador, RG

ANEXO E - AULA DE APLICAÇÃO: CAPACITAÇÃO PARA O USO DO DICIONÁRIO EM SALA DE AULA TEORIA.

Estão presentes nesta pequena demonstração da aula, os principais tópicos que compõem a estruturação de um dicionário, tópicos estes que foram explorados oralmente para além das denominações que ai se encontra, os textos para leitura e alguns dos exercícios propostos foram inspirados nas obras de Rangel e Bagno (2006) e Krieger (2012).

Pesquisa: A construção de verbetes com base em letra de música: uma proposta pedagógica

Orientador: Fernando Moreno

Mestrando: Rogério Aparecido Duarte

Colégio: _____ Data ___/___/2015.

Aplicação: Instrumentalização para o uso do dicionário em sala de aula.

Conhecendo o dicionário

Breve histórico sobre o dicionário origem e evolução do dicionário

Segundo Costa a definição para verbete presente no dicionário de gêneros textuais é:

verbeta (v. ARTIGO, CHAMADA, ENTRADA, RUBRICA, VERBETE): em lexicografia, cada entrada (v.) de dicionário (v.), enciclopédia (v.), glossário (v.), etc. constitui um verbete. Cada verbete se caracteriza pelo conjunto das acepções, das definições, exemplos e outras informações específicas. Predomina a linguagem referencial das definições, feita de maneira objetiva, com co-referências a vários campos do conhecimento, as chamadas rubricas (v.) (COSTA, 2008, p.176).

A lexicografia e mais especificamente, o verbete, que é objeto de estudo do lexicógrafo, *grosso modo*, nasce com a necessidade do homem de registrar os acontecimentos que faziam parte de seu cotidiano, sendo tão antiga quanto às pinturas rupestres. Durão (2010, p. 17) observa que “ao trazer à tona as pinturas

rupestres, estamos trazendo concomitantemente os primórdios da escrita e, em consequência, a gênese dos dicionários.” Desde o surgimento da escrita propriamente dita, a lexicografia vem se aperfeiçoando e acompanhando a evolução das sociedades, tornando-se uma das grandes responsáveis pela transmissão de conhecimentos acumulados entre culturas e um dos fatores essenciais para o avanço tecnológico entre os seres humanos.

De acordo com Ministério da Educação (BRASIL, 2012, p.9/10), os dicionários, tais como os conhecemos, surgiram na Europa no final do século XV, de acordo com especialistas, possuíam propósitos diferentes: destinava-se a fazer equivalência entre o vocabulário do latim (ou grego) com as línguas modernas que iam se tornando independentes, para que os alunos das universidades tivessem acesso aos textos clássicos. Por outro lado, era preciso também sistematizar, ao lado das recentes gramáticas das línguas modernas, a língua dos povos dominados para que se pudesse impor a língua do dominador.

Quanto às obras lexicográficas em língua portuguesa, as primeiras dignas de nome, segundo Biderman (2001, p.17) foram: “Vocabulário Português-Latino”, de Rafael Bluteau (1712-1728); “Dicionário da Língua Portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1. ed. 1789, 2. ed. 1813). Segundo Ministério da Educação “Nos dias atuais, qualquer pessoa onde quer que esteja pode ter acesso a um dicionário pela *internet*: muitos sites apresentam versões eletrônicas de rápida e fácil consulta”. (2012, p.9).

Definição

O dicionário é um tipo de obra que desempenha várias funções nas sociedades. Costuma ser definido como o registro do conjunto de palavras de um idioma e de seus significados, em geral, apresentados alfabeticamente. Neste caso, estamos falando de um tipo de dicionário: aquele que é conhecido como dicionário de língua, ou simplesmente dicionário, sua denominação mais comum.

Tipos de dicionários

O dicionário de língua tradicionalmente, assim denominado, os mais conhecidos entre os leitores desse tipo de obra, entretanto, muitos outros tipos de dicionários estão disponíveis no mercado editorial, o que vai definir sua tipologia é a proposta lexicográfica de cada autor (res) e do público ao qual se deseja atingir, assim, o dicionário pode se desdobrar nas mais diversas tipologias podendo receber o nome de: Monolíngue, bilíngue, multilíngue, terminológico, didático, escolar, infantil, dentre tantos outros. E hoje, com o constante avanço da tecnologia, pode-se encontrar também em diversos tipos de mídias e na internet, os quais podem ser acessados com maior facilidade e em qualquer lugar.

Importância do uso

Ao lado de seu papel de obra de referência, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua e a linguagem. Isso é facilmente compreensível, pois registra e sistematiza informações ortográficas, gramaticais e semânticas das palavras e locuções. Identifica também diferentes realizações das unidades lexicais, através do registro das diversidades denominativas, típicas dos falares regionais. Traz marcações de palavras antigas e novas, de estrangeirismos, bem como informa sobre o uso e os sentidos dos termos técnico-científicos. Por vezes, há dados históricos sobre vários componentes dos sistemas linguísticos. Por essa riqueza de informação o dicionário consiste numa ferramenta de grande valor e favorece o desempenho cognitivo do consulente.

Fora ou dentro da escola, um dicionário pode prestar muitos e variados serviços e aos mais diferentes públicos, cada um deles associado a um determinado aspecto da descrição lexicográfica, ou seja, do conjunto de explicações que ele fornece sobre cada uma das palavras registradas. Vejamos os mais importantes desses serviços:

- tirar dúvidas sobre a escrita de uma palavra (ortografia);
- esclarecer os significados de termos desconhecidos (definições, acepções);
- precisar outros usos de uma palavra já conhecida (definições, acepções);
- desvendar relações de forma e de conteúdo entre palavras (sinonímia, antonímia, homonímia etc.);
- informar a respeito das coisas designadas pelas palavras registradas (informações sobre o inventor dos balões a gás e o contexto de época, num verbete como balão);

- dar informações sobre as funções gramaticais da palavra, como sua classificação e características morfosintáticas (descrição gramatical);
- prestar informações sobre a história da palavra na língua (datação; indicação de arcaísmos e de expressões em desuso);
- revelar a origem de um vocábulo (etimologia) dentre outras.

Um dicionário é composto por duas partes: a macroestrutura e a microestrutura:

Macroestrutura: Na macroestrutura o dicionário se organiza em três partes principais: as páginas iniciais da obra, o corpo do dicionário e as páginas finais do dicionário.

Páginas iniciais: Apresentação, prólogo, introdução, instruções de uso, listas e abreviaturas.

Corpo do dicionário: É constituído pela nomenclatura, em que estão que estão dispostas as microestruturas em ordem alfabética.

Páginas Finais: Geralmente são incluídos anexos, tabelas, informações enciclopédicas etc.

Microestrutura: Conjunto de informações ordenadas que constituem o **verbetes**.

Verbetes

Todo verbete tem um padrão mínimo de estruturação que corresponde a uma espécie de código lexicográfico de larga tradição. Pode haver pequenas diferenças entre os dicionários, mas o padrão mínimo constitui-se de palavra entrada, informação gramatical e informação semântica, por meio da definição. O exemplo a seguir ultrapassa o padrão mínimo, trazendo outras informações:

ma.lasf. 1. Saco de couro ou de pano, em geral fechado com cadeado. 2. Espécie de caixa para transporte de roupas em viagem. 3. Mala (1) para o transporte de correspondência; mala postal. 4. *P.ext.* Correspondência postal. 5. *Bras. Gír.* Pessoa maçante. **Mala postal** (3) (Aurélio, 2001).

- palavra- entrada (mala);
- separação silábica (ma.la);

- informações gramaticais sobre a palavra(substantivo feminino);
 - informações semânticas identificadas duplamente:
 - a) a numeração de 1 a 5 que indica diferentes significados da mesma palavra ou diferentes acepções.
 - b) a abreviatura *por extensão* (*P. ext.*), indicadora de que na acepção 4 há um processo de alargamento ou expansão do sentido original;
- * informações relacionadas ao uso da palavra (*Bras. Gíria*), ou seja, no Brasil esse sentido é usado como gíria;
- * subentrada (*mala postal*), locução nominal que contém a palavra-entrada.

Fonte: dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios (KRIEGER, 2012, p.19-29).

ANEXO F - O RAPPÀ – BIOGRAFIA. MARCELO YUCA BIOGRAFIA.

Quando nas grandes centros urbanos se grita “olha o rapa” significa que a fiscalização ou a policia está chegando, por isso na gíria popular de certos grupos sociais, esse grito serve como um alerta de evacuação, pois o rapa é o caçador de camelôs, aquele que caça homens e mulheres que sobrevivem da economia informal. O grupo “O Rappa” colocando um “p” a mais na palavra faz alusão às ruas e calçadas tomadas pelas pessoas que de certa forma fazem contrabando de produtos ilegais. De certa forma o grupo assume esse nome, pois O Rappa também faz certo tipo de contrabando, só que denúncias sociais, e essas ideias estão fortemente presentes em suas canções e m seu estilo musical.

“Em 1993, Marcelo Lobato (teclado), Xandão (guitarra), Nelson Meirelles (baixo) e Marcelo Yuka (bateria) uniram-se para acompanhar a turnê do cantor PappaWinnie pelo Brasil. Logo, porém, criariam seu próprio som: estavam cheios de energia para movimentar muita gente e dizer algumas verdades sobre as injustiças sociais que existem no Brasil. Só faltava um vocalista, que pouco tempo depois seria escolhido: chegava Marcelo Falcão para completar a banda.

O primeiro trabalho de O Rappa foi lançado no ano seguinte, já mostrando a cara da banda e a pegada social que seguiria a partir daí: afinal, no Brixton, Bronx ou Baixada Fluminense a injustiça é igual – aqui ou lá, Todo Camburão tem um Pouco de Navio Negroiro... Esse seria o único disco com Meirelles no baixo: logo ele daria lugar ao Lauro Farias. Em 1996, Rappa Mundi trouxe o sucesso para a banda.

Foi um golaço que fez O Rappa explodir no Brasil. Nesse disco estão várias músicas que agitam os shows até hoje: Pescador de Ilusões, A Feira, Miséria S.A., O Homem Bomba e Eu Quero Ver Gol; além dos covers Ilê Ayê (Paulinho Camafeu), Vapor Barato (Waly Salomão e JardsMacalé) e de uma versão de Hey Joe, do Jimi Hendrix.

Três anos depois, foi a vez de Lado B Lado A, disco que veio com ainda mais pressão na consciência dos brasileiros. Minha Alma (a paz que eu não quero), O Que Sobrou do Céu, Me deixa, Lado B Lado A e Tribunal de Rua, desse disco, ainda hoje estão entre as favoritas do público.

Além da música, nessa época surgiu a oportunidade de criar o projeto "Na Palma da Mão", com o grupo Afro Reggae: com o apoio da FASE (Federação de

Órgãos para a Assistência Social e Educacional), uma parte das vendas dos discos foi doada para programas educacionais para jovens carentes.

Lado B Lado A trouxe também os primeiros prêmios da carreira. No ano 2000, o clipe de A Minha Alma... Foi o grande vencedor do VMB com seis prêmios – Melhor Direção, Edição, Fotografia, Clipe de Rock, Clipe do Ano e Escolha da Audiência. No ano seguinte, O Que Sobrou do Céu venceu nas categorias Clipe do Ano, Melhor Direção e Fotografia.

No final do ano, Marcelo Yuka se tornou mais uma vítima da violência no Brasil: ao tentar impedir um assalto, acabou baleado e ficou paraplégico. Afastado dos palcos para tratamento médico e sem poder tocar bateria, ele seguiu compondo e trabalhando no estúdio com a banda em outros projetos paralelos. Lançado em 2001, Instinto Coletivo foi o primeiro disco ao vivo da banda – e ainda trouxe 5 músicas inéditas. O público gostou do trabalho e o clipe da música que deu nome ao disco ganhou mais dois VMB em 2002 (Melhor Direção e Direção de Arte). No final de 2001, o Yuka sai da banda para tocar sua carreira solo.

O Rappa se transforma então em um quarteto formado por Marcelo Lobato (bateria), Lauro Farias (baixo), Xandão (guitarra) e Falcão (voz), além de Marcos Lobato como tecladista de apoio. É essa galera que grava O Silêncio Q Precede o Esporro, que em 2003 trouxe faixas como Reza Vela, O Salto, Rodo Cotidiano e Papo de Surdo e Mudo.

O ano de 2005 ficou marcado na história d'O Rappa pelo lançamento do Acústico MTV, que além das músicas já conhecidas trouxe também duas inéditas: Na Frente do Reto e Não Perca as Crianças de Vista. No mesmo ano, eles levaram dois Prêmios Multishow: Melhor Grupo e Melhor Show. Em 2006, o DVD do Acústico levou o Prêmio Multishow de Melhor DVD e foi indicado como Melhor Disco de Rock Brasileiro e Melhor desempenho em Vídeo Longo no Grammy Latino. Depois da turnê acústica, o quarteto voltou ao estúdio para criar o álbum 7 vezes, o mais recente de inéditas, lançado em 2008. Com ele vieram Meu Santo Tá Cansado, Meu Mundo é o Barro, Em Busca do Porrão ou Monstro Invisível. Em agosto de 2009, a banda foi até uma garagem desativada na Rocinha para gravar o DVD O Rappa Ao Vivo, lançado em 2010. E foi com o repertório desse show histórico que fez uma bem-sucedida turnê por todo o país, que incluiu também apresentações no festival Lollapalooza em São Paulo e em Chicago, nos EUA.

E cinco anos depois do último disco de inéditas, a banda voltou para o estúdio e lançou Nunca Tem Fim, que apenas três meses após o lançamento já era disco de ouro pelas mais de 40 mil cópias vendidas. Embalada pela excelente aceitação das músicas Anjos, Auto Reverse e Boa Noite Xangô, a banda voltou pra estrada e está com uma intensa agenda de shows.”

Fonte O RAPPA (2016)

O autor da música Marcelo Yuca – Biografia

"Se tem uma coisa que o Marcelo Yuca sabe fazer bem é contar história". Quem diz isto é Paulo Lins, autor de Cidade de Deus. É a mais pura verdade. O que Yuca mais sabe fazer é contar histórias através das letras de suas músicas, sua poesia, seus textos dissertativos, suas palestras e com cada pessoa que Yuca invariavelmente dá atenção. Todos os tipos de pessoas! Se hoje sabe contar histórias é por que sempre soube ouvi-las. Ouvir faz parte de seu processo. É ouvindo, refletindo, absorvendo, que vai construindo seus pontos de vista sobre arte, política, mobilização social, Brasil, mundo, ecologia e justiça social. Yuca é um profundo ser pensante e ouvi-lo pode ser transformador.

Marcelo Yuca notabilizou-se como um dos principais letristas da música brasileira surgida nos anos 90. Como baterista e letrista da banda O Rappa conseguiu alargar os limites da música pop fazendo a banda ser mais reconhecida pelas suas mensagens e conceito do que por suas melodias e ritmos. Mensagem, conteúdo e um grande poder de comunicação. Assim nasceram sucessos como: "Me Deixa", "Minha Alma", "Instinto Coletivo", "Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro", entre outros. Com O Rappa Yuca alargou as fronteiras no pop. O clipe de "Minha Alma" em que a banda mal aparece faturou todos os prêmios possíveis e pode ser considerado um precursor de filmes e seriados que chegaram nas nossas telas como: "Cidade de Deus" e "Cidade dos Homens".

Junto com sua verve poética e musical nunca faltaram grandes doses de ativismo social. Yuca sempre soube muito bem juntar e misturar poesia e política e o resultado são um cidadão consciente do mundo que vive e... sonha. Atuou junto com o Afrorregae na criação e promoção da FASE - Federação de Órgãos para Assistência e Educação do Rio de Janeiro; é fundador do Furto - Frente Urbana de Trabalhos Organizados e da B.O.C.A - Brigada Organizada de Cultura Ativista que,

por incrível que possa parecer, é uma ONG voltada para levar atividades culturais para entidades carcerárias. Por tudo isto, por toda a representatividade que as ideias do Yukatem ele foi convidado e aceitou ser candidato a Vice-Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro na chapa encabeçada pelo Deputado Marcelo Freixo em 2012. E a verve é tanta que agora está gravando a primeira temporada de seu Programa de TV chamado "Eu Desafio o Mundo Sem Sair da Minha Casa" que será exibido este ano pela Play TV. Está também nos arremates finais de seu novo disco, o primeiro solo, com participações de Marisa Monte, Seu Jorge, Leticia Sabatela, entre outros.

Está ainda envolvido com o lançamento de sua biografia "Não Se Preocupe Comigo", pela editora Sextante. Como se não bastasse Yuka está também encontrando um novo caminho de expressão nas artes plásticas pintando freneticamente. Um verdadeiro Homem-Arte.

Por tudo isto, por ter sempre um ponto de vista diferenciado, inteligente, sensível e pelo seu grande poder de comunicação e carisma Marcelo Yuka tem sido convidado inúmeras vezes para dar palestras em todas as regiões do País. Palestras e debates em empresas públicas e privadas e também em diversas instituições de ensino. Nas palestras Yuka não está exatamente preocupado em encontrar respostas, mas sabe como poucos encadear as perguntas. Para quem escuta uma palestra do Yuka é certeza de sair com a cabeça a mil. Impossível sair desses encontros da mesma forma que se entra. Não só por ouvirmos relato de vida de uma pessoa que teve que se reerguer após nove tiros e uma cadeira de rodas. Não só por vermos uma vítima - que não se vitimiza - da violência urbana e do desequilíbrio social. Não só por ouvirmos frases perfeitas saindo da boca de um poeta. Estar com Yuka é uma experiência inspiradora."

Fonte: Yuka (2016)

Sobre a música "Minha Alma"

"Minha alma está armada (a paz que eu não quero), é uma música de Marcelo Yuka, e imortalizada na interpretação de Falcão do Rappa. A letra é uma chamada de atenção a todos nós. A paz que falsamente achamos que temos nos impede de fazermos algo para mudarmos as coisas. Ficamos estáticos esperando que a outra pessoa faça algo, ao mesmo tempo em que temos a ilusão de que a vida está uma maravilha. Essa paz na verdade é medo, porque não temos voz. Essa

crítica é um posicionamento muito oportuno, já que somos uma nação acostumada a sermos pacíficos demais, além de acomodados quanto aos nossos direitos.

Marcelo deixa um belo recado sobre a acomodação, sobre a nossa visão de mundo. O "vídeo com agitado" pode ser a própria televisão, que ocupa nosso tempo e a nossa capacidade de pensar. Somos vítimas de nós mesmos. O mais incrível é que achamos que as grades do condomínio são realmente para trazer proteção, mas revelam que somos nós que estamos presos. Reféns do medo, de uma insegurança pública.

"Minha alma" é sem dúvida uma bela letra e uma boa razão para pensar. Tem muita gente que deseja mudar, mas quando tem a oportunidade de fazer isso, se oculta, escolhendo uma falsa paz, que mais cedo ou mais tarde baterá em sua porta cobrando um preço alto pelo comodismo. Arregaçar as mangas e seguir em frente, não só querendo a mudança, mas realizando-a. Admitimos de tudo. Impostos altos, juros altos, falta de investimento em educação, falta de investimento em saúde, corrupção, violência, a falta dos nossos próprios direitos e o principal, a perda da nossa liberdade. Por isso a nossa ama tem que estar armada e apontada para esse estratégico sossego. Não siga admitindo."

Fonte: Marques (2016)